



DDD



**“SOU UM
AMANTE DO
MUNDO E
DO VIVER.
O RESTO VEM
A SEGUIR.”**



**RUI NABEIRO FOI UM SER HUMANO
EXCECIONAL. PARTIU NO DIA
NO DIA 19 DE MARÇO DE 2023.
TINHA 91 ANOS. AS PÁGINAS
DESTA EDIÇÃO ESPECIAL DA
REVISTA DDD CELEBRAM
A SUA EXTRAORDINÁRIA VIDA.
UMA VEZ DISSE: “SOU UMA
PESSOA FELIZ. O MUNDO SORRI
PARA MIM E AS PESSOAS EM
GERAL SORRIEM PARA MIM.
E EU, SE NÃO RIO COM A BOCA,
RIO COM OS OLHOS.” DA CAPA
À CONTRACAPA, O SEU SORRISO
ATRAVESSA TODA A REVISTA.
CONVIDAMO-LO A SORRIR TAMBÉM.**

D DE DELTA

DIRETORA
RITA NABEIRO
COORDENADORA
ANA PINTO VON GILSA
EDITOR EXECUTIVO
MARKUS ALMEIDA
DIRETOR DE ARTE
LUÍS ALEXANDRE

REDATORA
MARIANA ABREU GARCIA

TEXTOS
JOSÉ LUÍS PEIXOTO
MARIA JOÃO CAETANO
MARKUS ALMEIDA
RITA BERTRAND
RUI MIGUEL TOVAR

FOTOGRAFIA DE CAPA
GONÇALO VILLAVERDE

FOTOGRAFIA
ARLINDO CAMACHO
ENRIC VIVES-RUBIO
GONÇALO VILLAVERDE
JOÃO PORFÍRIO/OBSERVADOR
MANUEL MANSO
ILUSTRAÇÃO
ANDRÉ CARRILHO

REVISÃO
CATARINA SACRAMENTO

SEDE DA REDAÇÃO E DO EDITOR

CINCO UM ZERO
RUA JOÃO SARAIVA, 7
1700-248 LISBOA
WWW.510.PT

REGISTO NA ERC
124488/04

TIRAGEM
20 000 EXEMPLARES

IMPRESSÃO
NORPRINT - A CASA DO LIVRO
RUA DAS ARTES GRÁFICAS, 209
4780-739 SANTO TIRSO

GRUPO NABEIRO -
DELTA CAFÉS

PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO
JOÃO MANUEL NABEIRO

CEO
RUI MIGUEL NABEIRO

DDD@GRUPONABEIRO.COM
WWW.DELTACAFES.PT



A REVISTA DDD É PRODUZIDA PELA
CINCO UM ZERO PARA A **DELTA**

E É PROPRIEDADE DA
NABEIROGEST - SOCIEDADE
GESTORA DE PARTICIPAÇÕES, SA.
NIPC: 503770850

AVENIDA CALOUSTE GULBENKIAN, 15
7370-025 CAMPO MAIOR

ESTATUTO EDITORIAL EM
WWW.DDDDELTA.COM

D DE DELTA

DDD

N.11

6

**AS VÁRIAS VIDAS
DE RUI NABEIRO**

32

ALICE E RUI

36

CRONOLOGIA

68

PAISAGENS EM SILÊNCIO

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

70

ENTREVISTA A RUI NABEIRO

82

GRÃO DE OURO



A man with a mustache, wearing a dark blue suit, white shirt, and dark tie, is sitting on a large, brown, textured coffee sack. He is looking upwards and to the left. The background is a vast warehouse filled with stacks of similar coffee sacks, creating a sense of depth and abundance. The lighting is dramatic, with strong highlights and deep shadows.

A VÁRIAS VIDAS DE RUI NABEIRO

FOTOGRAFIA ARLINDO CAMACHO

A S

EMPRESÁRIO



TEXTO MARKUS ALMEIDA

EMPRESÁRIO

RUI NABEIRO

EM 1961, quando o mercado do café parecia estabelecido e pouco aberto à mudança, e a população tinha pouco poder de compra, o jovem Rui Nabeiro - então com 30 anos - soube adaptar a sua oferta. Os clientes foram conquistados um a um, cara a cara, em viagens que Rui Nabeiro fazia de norte a sul do país com o lema que, 60 anos depois, ainda pautava o seu trabalho e o seu legado: um cliente, um amigo.

Ouviu muitos “nãos”, mas nunca desistiu. “Tinha era de pensar como é que fazia a concorrência e como é que eu havia de fazer. Foi assim que mudei o sistema de comércio: percebendo que a concorrência não se deslocava até aos clientes, não lhes dava assistência nem crédito. Eu estudei aquilo tudo e percebi que havia ali uma falha. Aos poucos, começámos a vender porque facilitávamos o crédito, as máquinas, as entregas do produto eram à porta de casa... Se deu prejuízo? Deu. Mas depois deu dinheiro”, contou à neta Rita Nabeiro, em entrevista publicada na primeira edição da revista DDD. “Um desses dias, um deles [da concorrência] disse: ‘olha que o Nabeiro está a caminhar’ e o outro respondeu-lhe: ‘não, esse é do Alentejo, esse anda devagar’. Mas quando se foram a benzer, já estavam benzidos. Já tinha ficado algum dinheiro pelo caminho.”

Ao longo de seis décadas, a Delta passou por muitas transformações e o pequeno negócio de café acabou por dar lugar a um império. O Grupo Nabeiro (a Nabeirogest, a Sociedade Gestora de Participações Sociais do Grupo Nabeiro, é registada a 3 de dezembro de 1996) tem hoje presença nas mais diversas áreas: desde a alimentar à hoteleira, da automóvel à imobiliária. E, de Campo Maior, a Delta partiu à conquista do mundo: atualmente é uma multinacional com atividade - direta e indireta - em mais de 35 países, espalhados por cinco continentes, com mais de 3800 funcionários.

Mas tirar a Delta de Campo Maior nunca lhe passou pela cabeça. “Quem é que pode tirar uma coisa de um sítio que lhe deu tanto?” E oportunidades não faltaram. Rui Nabeiro nunca escondeu que, por mais do que uma vez, lhe ofereceram “muitos milhões” pela empresa que criou de raiz, em 1961, com uma máquina artesanal que

FUNDOU A DELTA EM 1961, NUM ARMAZÉM DE POUCO MAIS DE 50 METROS QUADRADOS E COM APENAS TRÊS FUNCIONÁRIOS. DO NADA, RUI NABEIRO CRIOU UM IMPÉRIO COM EXPRESSÃO INTERNACIONAL E TORNOU-SE UM DOS HOMENS MAIS RICOS DE PORTUGAL.

UMA COLABORADORA PREPARA UMA CAIXA COM LOTES DE CAFÉ DELTA PARA EXPEDIÇÃO. RESTAURANTES, HOTÉIS E CAFÉS SÃO O DESTINO MAIS PROVÁVEL.



torrava 30 quilos de café. Gigantes como a Nestlé, a Pepsi ou a Kraft quiseram deitar a mão ao diamante de Campo Maior.

Carlos Coelho, criador de marcas e presidente da Ivity Brand Corp, recorda-se que uma das primeiras vezes em que entrou no escritório de Rui Nabeiro coincidiu com o dia em que um alto representante de uma multinacional foi a Campo Maior apresentar uma oferta milionária para comprar a Delta. “Veio à conversa e lembro-me de ele me dizer: ‘Carlos, uma família não se vende.’ Não me esqueci mais dessa afirmação.”

Já em 2022, no programa *Alta Definição*, da SIC, Nabeiro disse que “quem comprasse [a Delta] não ficava numa terra de província [Campo Maior]. Ficava em Lisboa.” Por isso, o negócio esteve sempre fora de questão. “Os homens não se vendem, criam-se.”

Foi essa a filosofia que o guiou a vida toda. Até na ficção. “Hei de ser um rico diferente dos que há por aí”, lê-se na sua biografia romanceada, *Almoço de Domingo*, escrita por José Luís Peixoto.

Percebendo o sacrifício feito pelos pais - a mãe tinha uma mercearia, o pai foi motorista antes de se dedicar ao café - para que os filhos tivessem a instrução primária, Rui Nabeiro começou a trabalhar cedo para ajudar a levar dinheiro para casa. “Vendia peixe, fui pregoeiro (de novidades, coisas que se arrendavam ou vendiam, anúncios da Câmara). Quantas vezes fui substituir o pregoeiro porque aquilo dava uns escudos. E não era para gastar num doce qualquer, era para a mãe ficar menos carente”, contou numa das muitas entrevistas que deu ao longo da vida. “Casei em 53, em outubro, e em setembro ainda entreguei o ordenado à minha mãe”, acrescentou.

O pai foi a sua grande referência. “Era um homem muito trabalhador.” A morte do progenitor, quando Rui Nabeiro tinha apenas 17 anos, moldou o resto da sua vida. Depois de uma infância de “muito sacrifício”, coube ao miúdo Rui tomar conta dos destinos da família. “Ele sabia que ficava alguém com força suficiente, que era eu”, contou na mesma entrevista. “Os meus pais sempre disseram: o Rui vai longe. E não fui perto.”

Mas foi na mercearia da mãe que nasceu a paixão pelo comércio e pelo negócio. “O meu pai ganhava pouco e a mercearia era uma grande ajuda. Posso dizer-vos que

nasci, cresci e vivo para o comércio. Hoje tenho a certeza de que foi a mercearia da minha mãe que ditou a minha vocação de empresário.”

O SONHO DA INDEPENDÊNCIA

Rui Nabeiro criou a Delta para ser independente. “Foi sonhada por mim. Mas, mesmo depois de estar criada, era difícil entrar no mercado. A concorrência do Norte e do Sul tinha os clientes controlados. Comecei a fazer esse trabalho, fazia uns cafés baratos e misturas. E comecei a fazer autovenda, vendia café à porta dos clientes. Foram anos de sofrimento.” Que acabaram por compensar. O negócio começou a correr melhor e as décadas de 1970 e 80 já foram de expansão. Em 1984, Rui Nabeiro

RUI NABEIRO COSTUMAVA DIZER: “OS CLIENTES CONQUISTAM-SE E TRATAM-SE BEM.” E O QUE DIZIA, FAZIA, INDO AO ENCONTRO DOS CLIENTES, MUITAS VEZES COM PRENDAS.



COM A INAUGURAÇÃO DA NOVADELTA, EM 1984, CAMPO MAIOR PASSA A TER A MAIOR FÁBRICA DE TORREFAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA.

inaugura a Novadelta - então a maior fábrica de torrefação da Península Ibérica - e em 1994, 33 anos depois da fundação, a Delta torna-se líder de mercado em Portugal.

A Delta já tinha iniciado a rota para a internacionalização em 1986 - ano em que fundou um departamento em Badajoz e entrou no mercado espanhol - e a intenção foi reafirmada em 1998, com a chegada a Angola. Porém, é no novo milénio que Rui Nabeiro reforça a aposta com uma série de novos destinos.

Em 2012, a Delta passa a estar presente de forma direta no Brasil. Através da Delta Foods Brasil, sediada em São Paulo, o Grupo Nabeiro entra no país que, com mais de 200 milhões de habitantes, se torna o seu maior mercado até então. O recorde é, no entanto, esmagado dois anos mais tarde, com a entrada na China.



RUI NABEIRO COM ADELINO CARDOSO, UM DOS FUNCIONÁRIOS MAIS ANTIGOS DA DELTA, NAS INSTALAÇÕES DA FÁBRICA NOVADELTA (CAMPO MAIOR), EM 2016.



FOI NESTE ARMAZÉM DE 50 METROS QUADRADOS EM CAMPO MAIOR QUE RUI NABEIRO COMEÇOU A DELTA, EM 1951.



A COBERTURA DA ADEGA MAYOR REVELA O ROSTO DE RUI NABEIRO. O ESPELHO DE ÁGUA TEM A FORMA DO NARIZ E, LOGO ABAIXO, EM ZIGUEZAGUE, SURGE O BIGODE.

Rui Nabeiro foi o verdadeiro *self made man* português, que a partir de um grão de café construiu um império internacional e uma das maiores fortunas do país, avaliada em mais de 400 milhões de euros. “É uma herança ao serviço da comunidade”, chegou a dizer. Nos últimos anos, nas várias entrevistas que deu, as palavras de Rui Nabeiro - ou o “senhor Rui”, como era tratado por todos - denotavam a naturalidade com que encarava o fim.

“Para mim, o fim nunca é fim. É fim para quem vai andando, mas é princípio para quem começa. Eu tenho ambição para mais, mas o tempo não me permite e tenho de ter consciência disso. Nos últimos três anos, sonho fazer, mas deixo fazer”, disse em 2020. “É esse o caminho de quem quer ficar em saudade na família. O trabalho, neste momento, já não é meu; a minha ambição deve empurrar, mas não deve liderar. Devo deixar que os outros sejam líderes.”

A sucessão já tinha sido preparada há muito. É o neto Rui Miguel Nabeiro, o cérebro por trás do lançamento das cápsulas Delta Q, que assegura a presidência executiva do grupo. E o apelido deverá perdurar na gestão por muitos anos. Um protocolo familiar assinado por Rui Nabeiro, os seus filhos - João Manuel e Helena - e os seus quatro netos - Ivan, Marcos, Rita e Rui Miguel - garantirá isso mesmo. “Tal como garante que, caso algum membro da família queira vender a sua quota-parte da empresa, os restantes membros terão direito de preferência. Há ainda um Conselho de Família que se reúne uma vez por ano para tratar da estratégia do grupo. Cada um dos filhos tem 16% do capital e os quatro netos 8%. O restante capital estava nas mãos de Rui Nabeiro, mas será agora disperso pelos herdeiros”, escreveu o *Expresso* em 2022.

Hoje, mais de 60 anos depois da fundação da empresa, Delta é sinónimo de Campo Maior e Campo Maior de Delta. Não é por acaso que a vila tem uma taxa de natalidade acima da média nacional e uma taxa de desemprego abaixo da média do Alentejo. É por causa da Delta, que emprega uma larga percentagem de campomaiorenses. Foi essa a grande riqueza que Rui Nabeiro criou, como disse uma vez. Isso e a gratidão das pessoas. “Não preciso de mais.”

É NA DÉCADA DE 1970 QUE A DELTA APRESENTA AS SUAS PRIMEIRAS CHÁVENAS, EM FAIANÇA E SEMPRE EM TONS DE CASTANHO.



NOS PRIMEIROS ANOS DA DELTA, RUI NABEIRO FEZ MILHARES DE QUILOMETROS DE NORTE A SUL DO PAÍS EM DESLOCAÇÕES AOS CLIENTES.



POLÍTICO



COSTUMAVA DIZER QUE ERA SOCIALISTA PORQUE O SEU PAI O ERA, COMO SE O FOSSE MAIS POR HERANÇA DO QUE POR CONVICÇÃO. CONTUDO, OS VALORES NA BASE DO PARTIDO FUNDADO POR MÁRIO SOARES – QUE PARA ELE FOI UM EXEMPLO, ALÉM DE UM AMIGO – NORTEARAM A CARREIRA POLÍTICA E, ATÉ, A VIDA DAQUELE QUE GOSTAVA DE SER TRATADO, SIMPLEMENTE, POR SENHOR RUI.



“A História vai recordá-lo e reconhecê-lo como o grande empresário da democracia. Nos últimos 50 anos, ninguém chegou ao seu nível.” A convicção é de António Cachola, economista, coadministrador da Delta e amigo. José Rondão de Almeida, no comando da Câmara de Elvas desde a década de 1990, reforça: “Foi o maior empresário do Alentejo e acompanhou sempre a política da região, apoiando as campanhas, dialogando e transmitindo sempre um sentido de missão aos autarcas.”

Para ele, “o tio Rui” – 12 anos mais velho e uma referência desde a infância – “ensinava, através do exemplo, que a política é para servir o povo, não para o político se servir dela”. Por outras palavras, as de Cachola, também conhecido pela sua coleção de arte, sediada na sua Elvas natal, “o seu interesse pelas pessoas e pela resolução dos seus problemas era genuíno, não provisório ou oportunista, para ter votos ou proveito próprio”.

Constante e consistente, “não tinha desvios nem contradições, fosse como empresário ou político, estava sempre alinhado com os valores do 25 de Abril”, sublinha ainda o amigo, lembrando que antes da revolução, das duas vezes que esteve à frente da autarquia de Campo Maior, “tentou governar como se estivesse numa democracia e não lhe facilitaram a vida”.

Afinal, embora dissesse “Sou socialista porque o meu pai era socialista”, como se o fosse mais por herança do que por convicção, “na verdade, praticou sempre os valores do socialismo, que se definia por tratar bem as pessoas e os territórios, além de ser um homem de consensos, que achava que o PS e o PSD se deviam entender e que defendia o diálogo”, afirma, por seu lado, Ricardo Pinheiro, atual deputado (pelo PS), que em 2009 chegou à presidência do Município de Campo Maior, aos 29 anos, incentivado por Nabeiro, em cuja empresa trabalhava desde os 18.

“Essa capacidade de diálogo foi o que o tornou intocável”, anota Cachola: “À esquerda e à direita, todos o respeitavam e admiravam.” A História não o deixa mentir. De facto, das cinco vezes em que foi presidente da Câmara de Campo Maior, entre 1962 e 1986, Nabeiro procurou sempre unir as forças partidárias, dando pelouros e oportunidades de governação, ao seu lado, a outras, como o PCP.

TEXTO RITA BERTRAND

POLÍTICO

Não terá sido fácil. “Era uma época convulsiva politicamente, de confrontos extremados, especialmente com a reforma agrária, mas ele mantinha um espírito aberto, democrático, de diálogo”, realça o deputado, que abraçou o legado: “Ele era o meu modelo; portanto, perpetuei a sua maneira de estar e governar, ao ponto de haver quem questionasse: ‘Final quem é que manda na Câmara?’ Na verdade, ele nem se metia desde que visse que as coisas estavam a ser bem feitas, de acordo com a organização do espaço público que considerava correta. E eu segui muito os conselhos dele.”

Divertido, recorda que esses conselhos muitas vezes lhe chegavam através de uma espécie de telepatia: “Com um contacto quase diário nos últimos 20 anos, criámos uma relação em que, em qualquer lado, num evento público, bastava um olhar para perceber o que ele me estava a dizer.”

De ideologia, Rui Nabeiro pouco falava. “Não entrava em questões filosóficas ou altamente complexas. Para ele, tudo o que não se podia resolver rapidamente, nem valia a pena pensar”, conta Pinheiro. Preferia solucionar problemas - e depressa. “Há décadas que dizia, por exemplo, que o que gastamos no combate aos incêndios devia ter sido gasto em prevenção e organização do território, que se devia apanhar as pessoas sem trabalho e aplicar recursos públicos dignos para as levar a fazer as limpezas das matas.”

MUITA OBRA, POUCOS ERROS

Misturando-se com o povo, nas ruas, ouvia, observava, absorvia tudo. Depois, avaliava e confrontava os dados. Como diz o deputado de 42 anos, “tinha um modelo de processamento que lhe permitia fazer grandes operações mentais; por isso, cometeu muito poucos erros. A prova é o grande reconhecimento que teve da sociedade - e o povo dificilmente se engana”.

No fundo, era como se estivesse permanentemente em campanha, mas também se sabia resguardar, afiança Pinheiro: “O equilíbrio é fundamental. Ele dizia que era tão importante estar na rua, ouvir, como ter noção de quando estamos a aparecer ou a falar demais. É preciso tempo para nos resguardarmos e pensar.”

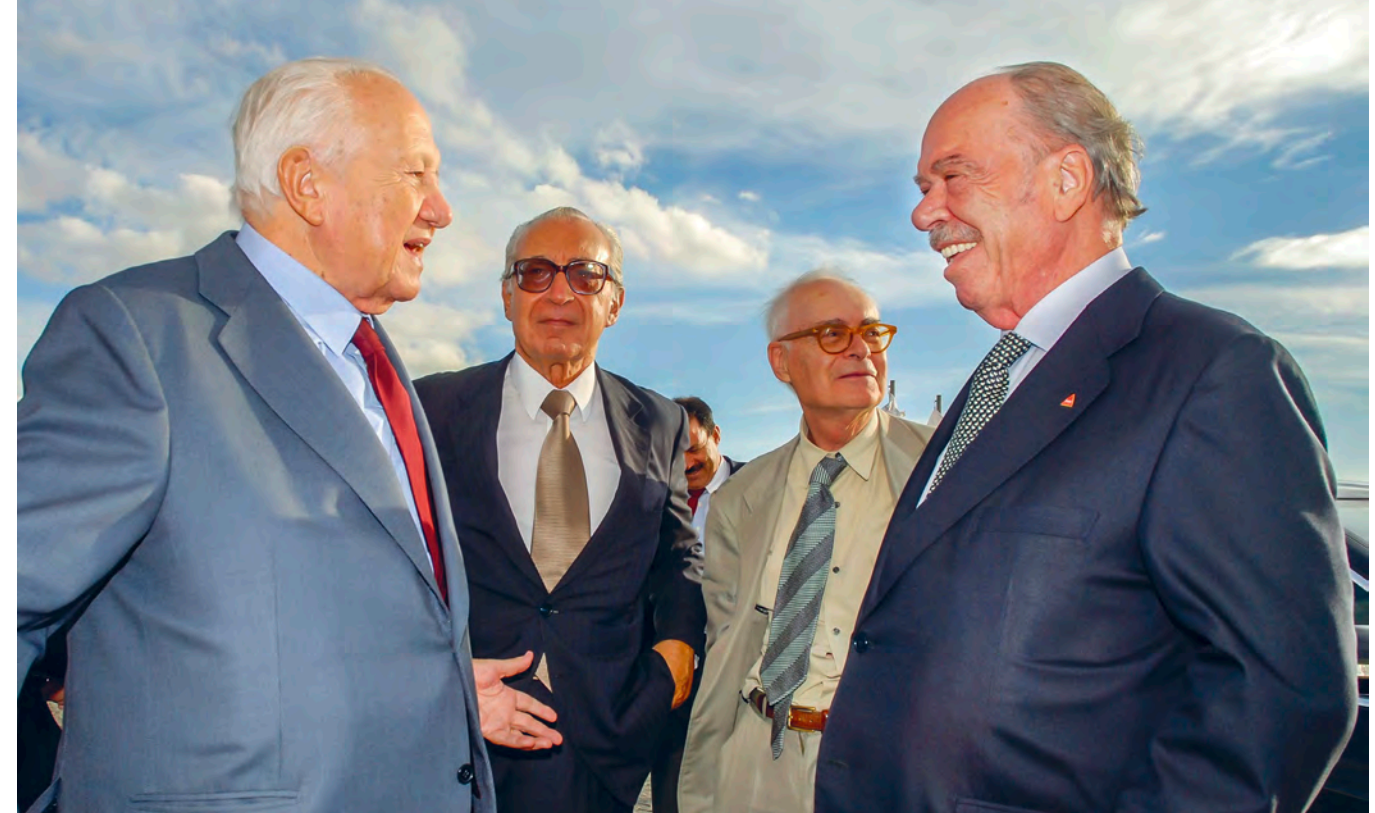
Claro que se orgulhava das ovações, das conquistas e comendas. Afinal, não há

político que não tenha um traço de vaidade - e ele próprio o admitiu, citado na biografia *O Homem, Uma Obra*, ao afirmar que “qualquer pessoa que desempenha um cargo público está obviamente a promover-se”. Porém, eram as más críticas que o punham a mexer: se alguém lhe apresentava uma queixa razoável, fazia questão de ter o problema resolvido quando reencontrasse a pessoa. “Era essa a postura que ele achava que todos os políticos deviam ter”, resume Ricardo Pinheiro, que cresceu a olhar para Nabeiro como “uma presença muito forte, admirada por todos os campomaiorenses”.

Afinal, não era comum os filhos da terra chegarem perto dos governantes de escala nacional, e ele conseguiu-o, ainda antes do 25 de Abril. “Foi através de um advogado de Lisboa, com ligação a um importador de cafés que trabalhava com ele. O nome veio à baila, com boas referências, e pronto, foi nomeado presidente da Câmara”, conta o deputado.

Os litígios não tardaram: “A malta da região não o reconhecia como alguém que pudesse exercer poder, porque vinha de

RUI NABEIRO COM ANTÓNIO RAMALHO EANES, PRESIDENTE DA REPÚBLICA ENTRE 14 DE JULHO DE 1976 E 9 DE MARÇO DE 1986.



A AMIZADE COM MÁRIO SOARES REMONTA AOS ANOS PÓS-REVOLUÇÃO E MANTEVE-SE ATÉ À MORTE DO FUNDADOR DO PS, EM 2017.

baixo. Ele, aliás, ainda se preocupava com isso nos dias de hoje, porque a malta que pensava assim na altura, ainda pensa o mesmo, não mudou. A classe social dele, como costumava dizer, causava alguma comichão.”

ACIMA DE TUDO, A JUSTIÇA SOCIAL

É verdade que vinha de baixo, mas descendia de grandes empreendedores. Com o pai e o tio, que arriscaram - com sucesso - no negócio dos cafés, era ele miúdo, tinha aprendido duas lições valiosas: o poder da ambição e do trabalho e a importância de saber rodear-se de gente competente e justa.

“Adorava encontrar boas pessoas, com bons valores, fossem de que quadrante político fossem. Por outro lado, detestava a crítica pela crítica. Quando não estava de acordo, dizia, mas era naturalmente delicado, tinha capacidade para perdoar os erros dos outros. Por isso, nunca ofendia ou magoava alguém; era sempre construtivo a dar a sua opinião”, recorda, ainda, Pinheiro, sublinhando que a justiça social foi sempre o cavalo de batalha de Nabeiro.

“Como empresário, foi dos primeiros a valorizar as profissões do saber-fazer, a tornar mais confortável o nível de vida dos que ficavam no campo, dando mais hipóteses às novas gerações”, aponta o deputado. E o amigo António Cachola, que já com ele privava nos anos 80, acrescenta: “Como autarca, ia recebendo as pessoas. Depois, o seu lado empreendedor resolvia os problemas. A habitação e a proteção de rendimentos eram prioridade. Arranjava empregos e dava apoios, por exemplo, para a educação.”

Certo é que Rui Nabeiro sempre foi um político, mesmo não exercendo, como garante Ricardo Pinheiro: “Geria a vida e a empresa como um autarca deve tratar o seu município, focado numa conquista diária, aprofundando os laços com o cliente... ou com o povo. Foi assim até ao fim da vida, tinha aquele bichinho.”

Já nonagenário, ainda se interessava e acompanhava as eleições, “mas não era obcecado”. No dia dos resultados, “ficava com a sua D. Alice”, mas a chamada da praxe, para comentar as sondagens à boca das urnas, não falhava: “Foi exemplar na participação cívica da sociedade.”

HUMANISTA



TEXTO MARIA JOÃO CAETANO

A GENEROSIDADE E A PREOCUPAÇÃO COM OS OUTROS ERAM DUAS DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE RUI NABEIRO. FOSSE ATRAVÉS DAS EMPRESAS, DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÃO DELTA OU A TÍTULO PESSOAL, O “SENHOR RUI” ESTAVA SEMPRE DISPONÍVEL PARA AJUDAR OS MAIS DESFAVORECIDOS. “GOSTO DE VER O SORRISO DAS PESSOAS”, DIZIA.

O que é preciso para se ser um bom empresário? “Ser-se uma pessoa séria e honesta, trabalhadora” e, acima de tudo, não pensar só em si, mas pensar também nos outros: “Não sou eu, somos nós.” Estes eram os conselhos de Rui Nabeiro numa das entrevistas que deu por altura do seu 90.º aniversário. Em Campo Maior, era conhecido pelo café e pelo espírito empreendedor, mas também pela sua generosidade. “Àquela porta podia bater-se sempre”, ouviu-se dizer mais do que uma vez. Àquela porta batiam todos os dias. A pedir emprego, a pedir conselhos, a pedir dinheiro, a pedir ajuda. “Até carros lhe pediram”, conta a antiga secretária, Teresa Anastácio. A todos Rui Nabeiro recebia, ouvia e, quase sempre, atendia. Ainda em dezembro do ano passado, quando a região foi afetada por enormes cheias, “apareceu um casal com filhos pequenos, que tinha ficado sem casa, e o senhor Rui cedeu-lhes uma casa que tinha vazia”, lembra a secretária. “Aqui vem sempre muita gente, porque sabem que eu não digo que não”, garantia o empresário. Teresa Anastácio, que trabalhou na Delta mais de 30 anos, como secretária de

Rui Nabeiro, recorda que “a preocupação dele era sempre tentar melhorar a vida de todos os que o rodeavam”. Fosse através da Delta, sempre disponível para participar em ações de solidariedade, fosse a título pessoal, essa preocupação esteve presente ao longo da sua vida. “Ele tentava sempre ajudar, tinha uma generosidade grande e um desapego enorme aos bens.” Até que, em 2004, pensou que poderia fazê-lo de uma forma mais estruturada e convidou Dionísia Gomes para pensar aquilo que, três anos mais tarde, seria a Coração Delta, associação de solidariedade social do Grupo Nabeiro, que identifica as necessidades sociais existentes no concelho e procura soluções que complementem aquelas que já existem, sem se sobrepor. “O sonho do senhor Rui era ter um espaço em Campo Maior que pudesse ajudar a conciliar a vida profissional, pessoal e familiar dos seus colaboradores. Como visionário que era, pensou que este espaço poderia trabalhar sobretudo com as crianças, porque são elas o futuro de Campo Maior.” A Coração Delta tem projetos na área da saúde, das necessidades especiais e do apoio aos idosos, mas é o trabalho com

HUMANISTA



ALICE NABEIRO, NO CENTRO EDUCATIVO QUE TEM O SEU NOME, RODEADA DE CRIANÇAS DOS 6 AOS 10 ANOS QUE FREQUENTAM O CENTRO DE TALENTO, ESPAÇO ONDE SE DESENVOLVEM ATIVIDADES LIGADAS À CIÊNCIA, MÚSICA, ARTES, INFORMÁTICA, INGLÊS E OUTRAS.

RUI NABEIRO CONHECE XANANA GUSMÃO EM TIMOR. DESSE ENCONTRO NASCE UMA RELAÇÃO DE AMIZADE E UMA CAMPANHA – “UM CAFÉ POR TIMOR” – QUE CONVIDOU OS PORTUGUESES A CONTRIBUÍREM PARA A CONSTRUÇÃO DE INFRAESTRUTURAS E ESCOLAS PARA A POPULAÇÃO.

as crianças e os jovens que mais se destaca, afirma a presidente.

O Centro Educativo Alice Nabeiro nasceu para apoiar as crianças, primeiro com valência de pré-escolar (a Sala Mágica); depois com o ATL Centro de Talentos, para miúdos dos 6 aos 10 anos, abrindo-lhes horizontes com atividades ligadas à ciência, música, artes, informática, inglês e outras. “E, muito importante, ele queria que fossem crianças empreendedoras, proativas, que tivessem ideias e que lutassem para pôr essas ideias em prática”, conta Dionísia Gomes. “Criámos o projeto ‘Ter ideias para mudar o mundo’, em que ajudamos a concretizar um sonho ou uma ideia de cada criança. Porque acreditamos que o empreendedorismo se treina.”

Para os jovens, a Coração Delta tem o ‘Promove-te’, projeto de apoio à integração na vida ativa, dando oportunidade “a que cada jovem descubra o seu talento ou aquilo que mais gosta de fazer: não se trata só de arranjar um emprego, mas de encontrar o trabalho certo”, explica Dionísia.

Rui Nabeiro acompanhava o trabalho do Centro Educativo Alice Nabeiro e da Coração Delta “diariamente”, “estava sempre presente em tudo”. “Ele gostava muito de crianças”, afirma também Teresa Anastácio. “Tinha muita paciência para todas as crianças, da família e não só. Possivelmente porque nunca teve tempo para ser criança” - teve de começar a trabalhar muito cedo, só estudou até à quarta classe e sempre soube como a vida é mais difícil para aqueles que têm pouco.



Conceição Zagalo, empreendedora social que trabalhou durante muitos anos na IBM, recorda a disponibilidade de Rui Nabeiro para, através da Delta, apoiar projetos que pudessem trazer alguma mais-valia a Campo Maior, sobretudo os que estivessem relacionados com os jovens. Um desses exemplos é o Ex.ite que, por duas vezes, se realizou em Campo Maior, permitindo a raparigas dos 10 aos 13 anos aprofundar competências nas áreas da ciência, matemática e engenharia: “O senhor Rui ficou muito entusiasmado com a ideia de mostrar às raparigas que poderiam trabalhar na área da engenharia ou da programação”, recorda Conceição Zagalo, que iniciou ali uma amizade muito próxima com Alice e Rui Nabeiro. “Ele gostava de ajudar, mas, mais do que dar dinheiro ou resolver problemas circunstanciais, o que também fazia quando era necessário, gostava de ajudar as pessoas a resolverem os seus próprios problemas, daí a preocupação com a educação, a formação, o emprego. Esse era o seu principal ensinamento.”

“Como é que pode este lado estar bem e o outro lado estar mal?”, perguntava Rui Nabeiro. “Gosto de ver o sorriso das pessoas”, confessava. E não estava a falar só de ver as pessoas felizes, mas também de ver as pessoas sorrirem com orgulho nos seus dentes. A verdade é que “ajudou” a colocar “muitas dentaduras”, contava. Começou por ser uma coisa pontual, até que o empresário teve a iniciativa de contactar o dentista Roberto Rauhen e estabelecer uma parceria através da Coração Delta, que identificava os pacientes que precisavam de cuidados médicos e os reencaminhava. A clínica junto à praça de Campo Maior ficou sem mãos a medir. O médico recorda a figura “perseverante”, “humanitária”, que “acreditava na dignidade” de todas as pessoas.

Como o próprio Rui Nabeiro explicou: “Isto foi motivado por uma ambição de fazer melhor e de esbater as diferenças entre classes, porque a vida é dura para muita gente. Em Campo Maior, uma grande parte das pessoas está a viver razoavelmente bem, se bem que há ainda casos... Casos esses a que vamos dando um toquezinho. Mas mesmo as pessoas mais humildes estão razoavelmente bem. Foi com isso que sonhámos, nós todos.”

CRIATIVO



DELTA

Água pura,
café recém-moído
(uma colher de sopa
por cada chávena)
não deixe ferver
e sirva recém-feito.

TEXTO MARKUS ALMEIDA

**RUI NABEIRO FOI “O SÁBIO DE MARCAS”,
UM “GRANDE MARKETEEER” QUE PENSAVA
SEMPRE BONITO: “SE TEMOS ESSA POSSIBILIDADE,
ENTÃO VAMOS FAZER COISAS BEM FEITAS.”**

CARLOS Coelho, criador de marcas e cofundador da agência Ivity Brand Corp, teve uma vez um programa de televisão sobre a «importância da imaginação na construção da sociedade». Chamava-se *Imagi-Nação*, dava na RTP em 2011 e foi Rui Nabeiro o primeiro convidado. “Criei uma rubrica em sua homenagem que carinhosamente designei de ‘Marketing Vadio’, porque a energia dos génios é a simplicidade com que veem as coisas que os outros ou não veem, ou veem através de lentes muito complicadas”, diz o especialista que, desde os anos 90, trabalhou “quase todas as marcas do Grupo Nabeiro, da área dos cafés aos vinhos, passando pelos chás, azeitonas e azeite”. Foi ainda responsável, nesse período, por dois *rebrandings* da Delta.

Por “Marketing Vadio”, Carlos Coelho entende um marketing que é mais livre e se vai adaptando à realidade. “As empresas ou têm um marketing que confunde vadio com desorganizado, ou então é cartesiano e *data driven*. Sem o saber, Rui Nabeiro era um grande *marketeer*”, diz. “Por ser tão sábio, aprendi com ele coisas geniais, como que o marketing se faz aos bocadinhos, sem medo de errar e sempre com os olhos postos para além do horizonte.”

Foi quando a Delta procurou elevar a notoriedade da sua marca que a ligação de Carlos Coelho a Campo Maior se consolidou. “Se há 30 anos a Delta não tem feito este percurso, poderia até ter desaparecido, como aconteceu a outras marcas portuguesas. O mercado do café era dominado por grupos grandes, como a Nestlé. O grande pilar da Delta foi não ter perdido a relação com os portugueses.

Rui Nabeiro era um modernista, um imaginativo”, nota.

Na década de 1990, a Delta começa a investir de forma mais consistente em campanhas televisivas. Numa das mais memoráveis, em 1992, Herman José desempenha o papel do detetive Dick Shade para tentar responder à pergunta “Onde está Brigitte Monique?” O filho de Rui Nabeiro, João Manuel, que esteve sempre muito envolvido na criatividade das campanhas, sorri ao recordar essa. “Nessa altura, tínhamos de ganhar o mercado dos quartos de quilo nos supermercados. Por isso, fizemos essa ação direcionada para o retalho.”

A aceitação dos consumidores foi imediata. A campanha incluiu um concurso em que os telespectadores e clientes são convidados a descobrir a verdade e a enviar os símbolos das embalagens Delta. “Era naquele sistema recorta e cola. Recebemos toneladas de cartas para fazer um sorteio final”, lembra o presidente do Conselho de Administração da Delta. Não admira: o prémio final é de 20 mil contos em dinheiro (100 mil euros) e o sorteio tem honras de transmissão na RTP1.

Carlos Coelho conheceu Rui Nabeiro numa “intimidade empresarial, a de fazer as marcas com que sempre sonhou e que geriu com a ambição de quem sentia a responsabilidade por uma sociedade inteira”, conta. “Ele pensava em negócios para empregar mais pessoas. E ganhar dinheiro, claro. Mas nunca só pelo negócio”, acrescenta o presidente da Ivity Brand Corp. “Pensava sempre em coisas bonitas. Dizia-me: ‘Carlos, isto é mais bonito do que aquilo? Então vamos pela opção mais bonita. Se temos essa possibilidade, então vamos fazer coisas bem feitas.’”

CRIATIVO

HOMEM DO DESPORTO



TEXTO RUI MIGUEL TOVAR

HOMEM DO DESPORTO

DESDE AS BOLEIAS AOS JOGADORES NO SEU VELHO PEUGEOT ATÉ AO SONHO DO JAMOR NA FINAL DA TAÇA, A VIDA DO FUNDADOR DA DELTA NO FUTEBOL É UM CARROSSEL DE EMOÇÕES, ENTRE APERTOS DE MÃO E PALESTRAS NO BALNEÁRIO.

RUI NABEIRO CUMPRIMENTA LITO VIDIGAL. O JOGADOR VESTIU A CAMISOLA DO CAMPOMAIorenSE ENTRE 1991 E 1995.



É um nome em constante evolução. Começa por ser grande em Campo Maior, torna-se enorme no Alentejo e dá ares de gigante em todo o Portugal, de lés a lés, ilhas incluídas. A sua imagem de marca é a Delta. Obra de Nabeiro, Manuel Rui Azinhais Nabeiro. O café expande-se à escala nacional, ganha fama internacional e depressa se espalha pelos quatro cantos do mundo. Pois bem, Rui Nabeiro também deixa a sua marca no futebol, através do Campomaiorense. O clube da terra, o único do Alentejo a chegar à final da Taça de Portugal e a jogar na primeira divisão.

No currículo, o Campomaiorense acumula cinco presenças no escalão maior e a tal ida ao Jamor, numa final muito colorida com o Beira-Mar, em 1999. O resultado? Menos colorido: 1:0, vence a equipa de Aveiro. Rui Nabeiro vai à festa. Como é seu timbre, aliás - vê todos os jogos em casa, no Estádio Capitão César Correia, e alguns fora, quer fosse em Braga, Penafiel, Coimbra, Lisboa, Setúbal ou Portimão. A presença é garantida, por interesse genuíno no clube da terra, por interesse futebolístico e por interesse em dar moral à comitiva.

A sua dedicação é descrita pelo próprio, no prefácio do livro *Das Origens à Actualidade 1926-2001 - O Livro do Sporting Campomaiorense*, de Francisco Galego e Joaquim Folgado. “A minha adolescência e a minha juventude foram vividas em épocas socialmente difíceis e nunca encontrei tempo para a prática do futebol ou qualquer outro desporto. No entanto, muito cedo comecei a acompanhar a equipa e a interessar-me pela vida do clube.” Mais à frente: “Longe vão os tempos em que enchia o meu velho Peugeot de jogadores do Campomaiorense para os jogos fora. Na época, os recursos eram muito escassos e aqueles que na nossa terra tinham meios para ajudar não o faziam. Assim, com as ajudas de uns e de outros, mais entusiasmados, íamos arrançando o necessário para manter viva a chama do Campomaiorense, que assim, nos anos 60, atingia gloriosamente a segunda divisão nacional.”

Presidente do Campomaiorense entre 1973 e 1990, Rui Nabeiro é uma figura no balneário. Que o diga Manuel Fernandes, treinador da primeira subida à primeira divisão, em 1995. “Ele aparecia sempre na hora certa para dizer as palavras certas, os jogadores sentiam esse carisma e eu também. Fui jogador de futebol durante anos e anos, joguei na CUF, no Sporting e no Vitória FC, convivi com imensos presidentes. Vi tudo e mais alguma coisa, mas o senhor Rui Nabeiro era especial.”

João Alves, outro jogador carismático do futebol português e também ele treinador do Campomaiorense, segue a mesma linha de raciocínio. “Aparecia no balneário e motivava os jogadores antes dos jogos, a contar histórias suas de superação. Não se ouvia nada, a não ser a sua voz”, recorda. “Sentia-se o impacto do carisma e era um homem que valorizava a palavra. A prova mais evidente é que nunca vi ninguém a queixar-se de dinheiro, o Campomaiorense pagava tudo a horas.” João Alves passou por muitos clubes, até grandes, em que, diz, “essa situação pura e simplesmente não se verificava”. Mas ali, em Campo Maior, “todos sabiam que podiam contar com o dinheiro no fim do mês. Bem vistas as coisas, é um ‘pormaior’. E significa respeito pelo trabalho de outrem”.



FOI COM ESTE PLANTEL QUE O CAMPOMAIORENSE ALCANÇOU A FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL NA ÉPOCA 1989/99. JOÃO MANUEL NABEIRO ERA O PRESIDENTE.



Continua o pingue-pongue. Agora a bola está do lado de Manuel Fernandes. “Muitas vezes, eram as pessoas do clube a perguntar-me porque é que ainda não tinha ido levantar o cheque do ordenado. Estamos a falar em meados dos anos 90, era assim que funcionava. Não havia transferências bancárias nem nada disso, nós é que íamos levantar o cheque. Se eu falhasse um dia ou dois, as pessoas chamavam-me a atenção. Nunca vivi situação parecida em nenhum clube por onde passei. Quer dizer, às vezes até era ao contrário. Eu queria receber e...”, Manuel Fernandes ri-se sem parar.

É ele quem sobe à primeira divisão. O jogo da subida é na Madeira, contra o Nacional. “Um golo do Rudi garantiu-nos o empate e a subida inédita. Acredite, nunca vivi uma festa assim. Atenção, fui campeão nacional pelo Sporting como jogador em 1980 e 1982. Mas nem assim. A festa da subida do Campomaiorense foi uma loucura. Chegámos ao continente às três da manhã e, depois, fomos para Elvas. Daí até Campo Maior, foi uma sinfonia de buzinas, tal era o cortejo enorme atrás do autocarro. Nem houve descanso. Na jornada seguinte, a última, ganhámos ao Amora e aí a festa foi em casa, com toda a gente. Havia duas tendas gigantes de comes e bebes, as pessoas a conviver alegremente de um lado para o outro. Foi uma época especial.”

E antes desse empate com o Nacional, na Madeira? Diz Manuel Fernandes com voz emotiva: “O senhor Rui Nabeiro foi connosco e quis dar umas palavras ao plantel antes do jogo. Repito-me: fui jogador durante anos e, às vezes, estamos tão concentrados que não ouvíamos as pessoas. Só que o senhor Rui era um motivador por natureza e lembrar-me-ei para sempre do que disse nessa tarde: ‘Vamos conseguir subir à primeira divisão; se não conseguirmos hoje, não é o fim do mundo; havemos de chegar lá.’ Por outras palavras, não fez pressão nem atirou a responsabilidade para cima dos jogadores, e a verdade é que resultou.”

Também Pedro Murcela, com ‘u’, sim senhor, alonga-se nas palavras sobre o presidente. “Trabalhei 44 anos para o senhor Rui. Mal fiz o serviço militar, entrei para a Delta e fiquei lá sempre. Como andei com o filho João Manuel na escola, era amigo de casa. Já agora, também joguei 17 anos no Campomaiorense, sempre na terceira divisão, quase sempre na série E. Quando acabei a carreira de futebolista, passei a ser o diretor do futebol e assisti a muitas alegrias, como as duas subidas à primeira divisão e a ida ao Jamor. Essa festa ainda hoje me emociona.”



RUI NABEIRO, ENTÃO PRESIDENTE HONORÁRIO DO CAMPOMAIORENSE, FESTEJA O CONCRETIZAR DE UM SONHO: A SUBIDA À PRIMEIRA DIVISÃO NA ÉPOCA 1994/95.

Pedro Murcela lembra como Rui Nabeiro estava sempre presente, fazia questão de acompanhar até as camadas jovens e queria sempre cumprimentar toda a gente. “Se entrasse num relvado onde estivessem a jogar os miúdos de 15 anos, ele falava e dava uma palavra a todos. Era especial. Nunca me esquecerei da epopeia da Taça. Só foi pena o resultado, paciência. O que interessa é que fomos à final.” E cumpriu-se, assim, um sonho de Rui Nabeiro.

De acordo com Manuel Fernandes, quando o filho, João Manuel Nabeiro, então presidente, lhe liga para apresentar o convite, em 1993, a reunião com o presidente Rui Nabeiro é do mais sincero possível. “Na sua cabeça, dois sonhos para o Campomaiorense: a subida à primeira divisão e a ida à final da Taça.” Em cinco anos, o Campomaiorense faz *jackpot*.

O capitão da final da Taça é o brasileiro Isaías, figura maiúscula de Boavista e Benfica, contratado ao Coventry, da Premier League. “Um advogado amigo em comum falou-me de Campo Maior, falei com o filho, mais o pai, e fiquei convencido na hora. As condições eram fantásticas e tudo correu às mil maravilhas, foi uma experiência inesquecível.” Outro craque do Campomaiorense é o holandês Jimmy. Aliás, Jerrel Floyd Hasselbaink.

“Quem me deu o nome foi o Rui Nabeiro”, recorda o jogador. “Como estava a treinar em segredo no Campomaiorense, o presidente começou a chamar-me Jimmy para passar despercebido. Resultou, ninguém se apercebeu da minha presença em Portugal e, depois, assinei.” A partir daí, a sua vida dá um salto e até se torna o melhor marcador da Premier League por dois clubes (o Leeds e o Chelsea), sem esquecer a presença no Mundial-98 pela Holanda. “Desde então, todos me tratam por Jimmy. São coisas que ficam. E ainda bem. Campo Maior está no meu coração, é uma cidade fantástica, cheia de gente boa.”

Rui Nabeiro, acima de todos. É ele quem dá o nome à Supertaça da Associação de Futebol de Portalegre, é ele quem entrega as medalhas e as taças e é ele quem cumprimenta todos com uma palavra calorosa. O mesmo calor do Alentejo sentido há anos e anos, mais precisamente em 1988, por ocasião do Benfica na final da Taça dos Campeões Europeus, vs. PSV Eindhoven, em Estugarda. Por obra e graça de Rui Nabeiro, a Delta oferece transporte aéreo à comitiva benfiquista, juntamente a 70 jornalistas e outros tantos convidados especiais. No voo de ida, o presidente oferece um grão de ouro a todas as senhoras. Charme, a palavra mais condizente com Rui Nabeiro.

INOVADOR



TEXTO MARKUS ALMEIDA

INOVADOR

RUI NABEIRO

DEPENDENDO da década em discussão, falar de inovação numa empresa como a Delta pode levar a diferentes conversas. Em anos recentes, significa falar da Rise Delta Q with Starck, com o seu - lá está - inovador sistema de extração de café invertido. Também significa falar, por exemplo, da Diverge, o Centro de Inovação do Grupo Nabeiro que desenvolveu esse e muitos outros produtos com que a Delta tem surpreendido o mercado.

Acontece que a cultura de inovação não é de agora. Está presente na Delta desde o início, há mais de 60 anos. Está inscrita no seu ADN desde que, em 1961, Rui Nabeiro criou uma empresa que foi pioneira na forma como se impôs no mercado do café consumido em restaurantes, hotéis e pastelarias. Se a concorrência não dava crédito aos clientes, ele dava - e aos melhores, a certa altura, passou até a oferecer um grão de ouro por cada compra superior a 100 quilos.

Outro exemplo. A 1 de maio de 1969 são inauguradas 20 moradias construídas para alojar os funcionários da Delta e as suas famílias. Numa época em que ainda não se falava em responsabilidade social, Rui Nabeiro inovou ao premiar aqueles cuja dedicação à empresa merece ser distinguida, cofinanciando a construção de modo a garantir prestações mensais mais baixas aos seus trabalhadores.

“Rui Nabeiro era a prova viva do que é ser-se inovador e criativo”, considera Cristina Amaro, autora e rosto do programa *Imagens de Marca*, na SIC. Cristina conheceu o fundador da Delta em 1998, era ela jornalista na revista *Exame*. “Ele tem - tinha - essa vontade de fazer sempre mais e melhor. Criar novas abordagens, novos caminhos, novas relações com os clientes. A própria forma como toda a vida se relacionou com as pessoas que trabalham no grupo: ele foi mesmo pioneiro nisso. Foi um verdadeiro *Chief Love Officer*.”

Em 1998, já Rui Nabeiro tinha construído o primeiro hospital de máquinas de café do país, a Tecnidelta. Enquanto divisão da empresa, esta surgiu em meados dos anos 80, numa altura em que as equipas comerciais da Delta perceberam que alguns clientes não conseguiam tirar café em condições. “Eles devolveram os lotes, mas o problema

O CARÁCTER INOVADOR DE RUI NABEIRO GUIOU A DELTA DESDE O INÍCIO, HÁ MAIS DE 60 ANOS. PIONEIRO EM MUITAS ÁREAS, PROCUROU SEMPRE CRIAR NOVAS ABORDAGENS, NOVOS CAMINHOS, NOVAS RELAÇÕES COM OS CLIENTES. TINHA VONTADE DE FAZER SEMPRE MAIS E MELHOR.

A DELTA Q NASCEU EM 2007 E ASSINALA A ENTRADA TRIUNFANTE DA MARCA NO MERCADO COMPETITIVO DO CAFÉ EM CÁPSULAS.



era das máquinas”, recorda Rui Lagarto, o homem recrutado por Rui Nabeiro para montar a operação de assistência técnica.

A unidade foi crescendo em recursos humanos e importância dentro da empresa. De tal forma que, em 1993, foi inaugurado em Campo Maior o primeiro polo dedicado à Tecnidelta, onde as máquinas chegam, são diagnosticadas e curadas das suas maleitas num curto espaço de tempo.

“A Delta, nessa altura, era uma marca essencialmente de café fora de casa. Presente no ponto de venda do canal Horeca muito mais do que no consumo para casa. Era uma marca presente nos cafés. De eu ir ao café”, diz Cristina sobre uma empresa que se soube reinventar e entrar em casa dos portugueses ao lançar o café em cápsulas da Delta Q, em 2007, depois de dois anos de desenvolvimento. A história tem início num almoço de celebração dos 223 anos do restaurante Martinho da Arcada, a que Rui Nabeiro foi com o neto Rui Miguel. “Passaram o almoço todo a chatear o meu avô porque a Delta não tinha cápsulas [que começavam a estar na moda]”, recorda o atual CEO do Grupo Nabeiro. “Ele ficou

furioso. Na viagem de volta, dava murros no tabliê do carro. Eu disse-lhe: ‘Vamos fazer as cápsulas. Eu peço nesse assunto’.”

“Claro que foi a outra geração [a dos netos], mas só um homem que sempre procurou a inovação possibilitaria à marca seguir esse caminho”, afirma Cristina Amaro. “Ele acompanhou essa transformação profunda, enorme, que atravessa fronteiras. Hoje vemos a Delta a exportar conceitos para outros mercados que depois chegam ao nosso.

A 19 de abril, quando se assinalava exatamente um mês desde o desaparecimento de Rui Nabeiro, foi apresentada a novidade a que Cristina se refere. A Delta Espresso é um conceito de loja criado para o mercado brasileiro, onde já está presente com muitos pontos de venda. “Tem uma imagem jovem, alegre e vem com uma expressão - ‘vou ali beber um expresso’ - que se tornou um sucesso.” Tanto que, depois de o exportar, a Delta trouxe o conceito para Portugal.

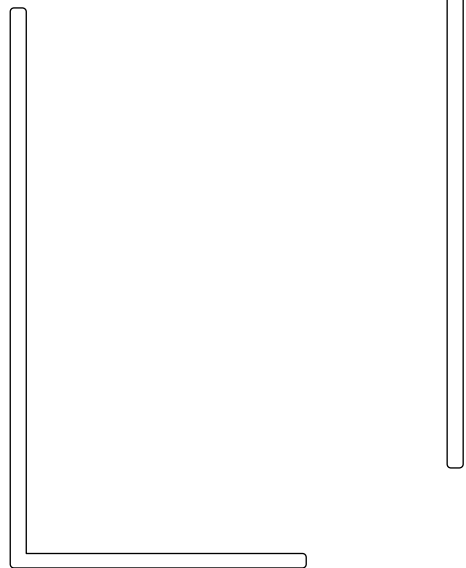
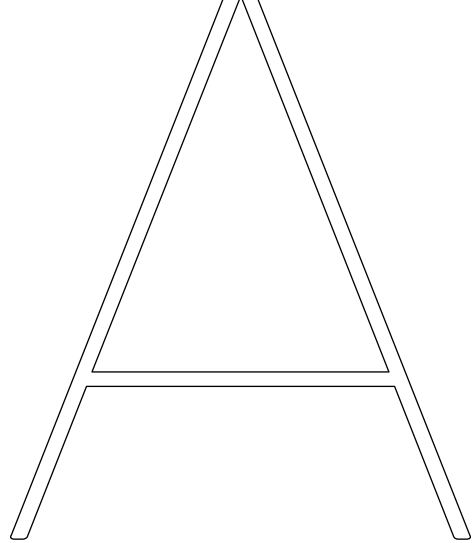
“Não é por acaso que a Delta é uma *love brand* que está a sair de portas e a levar Portugal ao mundo”, acrescenta a criadora do *Imagens de Marca*. “E isso deve-se ao carácter inovador do seu fundador.”

RUI NABEIRO E O NETO, RUI MIGUEL, COM OS DONOS DO CAFÉ-RESTAURANTE MARTINHO DA ARCADE, ANTÓNIO MARCOS DE SOUSA E MARIA ADÍLIA DE SOUSA, EM 2005.



**“SÃO AS PAIXÕES QUE NOS
MOVEM. QUANDO CRIAMOS
QUALQUER COISA, MOTIVA-
-NOS SEMPRE ALGO QUE
ENVOLVE UM LARGO
CONJUNTO DE EMOÇÕES,
DESEJOS, PESSOAS, LOCAIS,
OBJETIVOS. FOI SEMPRE
ASSIM E NÃO É DIFERENTE
NO MUNDO DOS VINHOS.”**

INAUGURAÇÃO DA ADEGA MAYOR, EM 2007.



TEXTO
MARIA JOÃO CAETANO

UM AMOR
QUE COMEÇOU
NA ESCOLA
PRIMÁRIA
E DUROU A
VIDA INTEIRA

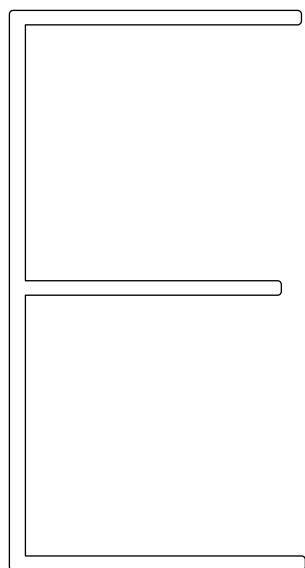
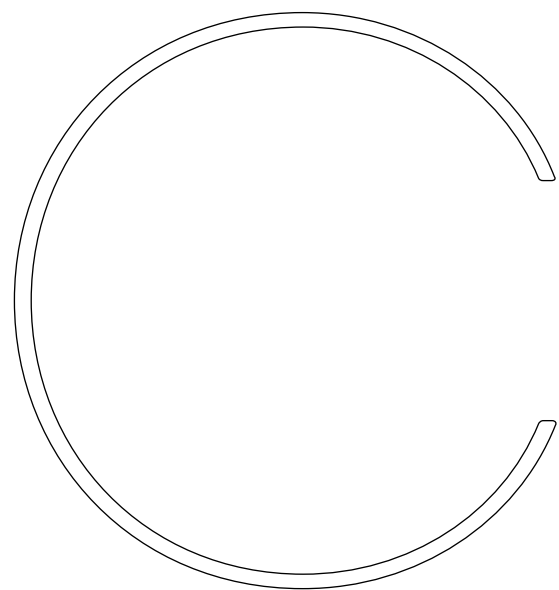
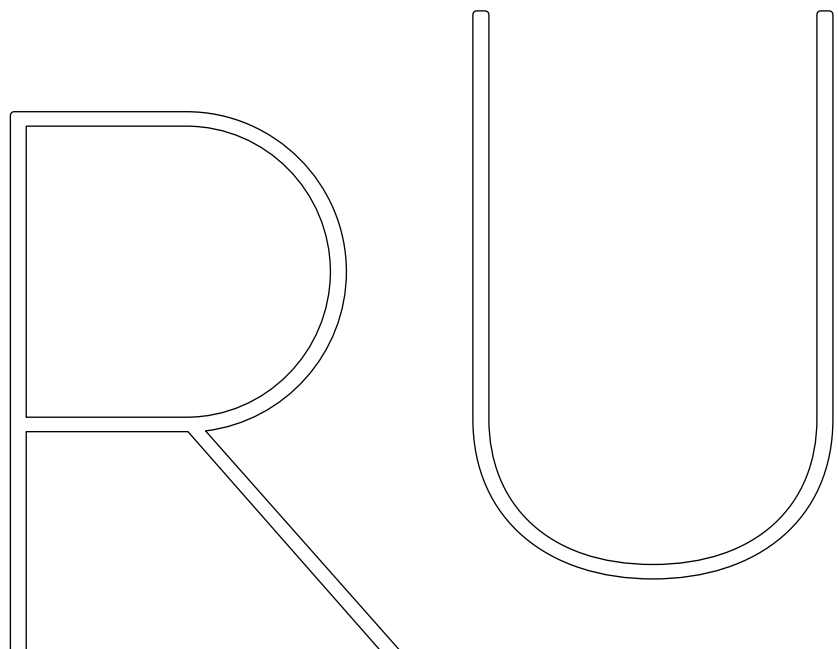


ILUSTRAÇÃO
ANDRÉ CARILHO



QUANDO lhe perguntavam se o café era a sua grande paixão, Rui Nabeiro ria-se: o café, sim, mas sobretudo Alice, a sua mulher. As conquistas profissionais eram importantes, mas era a nível familiar e pessoal que se sentia mais realizado.

Alice e Rui conheceram-se na escola primária. Ele deveria ter uns nove anos, ela menos um ano. Simpatizaram um com o outro, começaram a trocar olhares e a brincar juntos no recreio. “Conhecemo-nos nos bancos da escola e desde então que nos amamos”, contou o empresário. Quem havia de dizer que um namorico de infância se tornaria uma coisa tão séria? A culpa foi do professor António Joaquim Oliveira. Naquela altura, as turmas não eram mistas, mas, no último ano, o professor, que era muito progressista, fez um “cambalacho” e tomou a decisão ousada de juntar todas as crianças. “Quando chegámos à quarta classe é que começou a haver classes com rapazes e raparigas, e toda a gente arranjou um namoro.”

Ao início, “aquilo não era amor, era uma simpatia”, recordou Alice Nabeiro numa das suas raras intervenções públicas. “Começámos com oito anos e durou uma vida inteira.” E isto aconteceu estando o pai de Alice também ali sentado, na mesma sala de aula, pois precisava de fazer a quarta classe para entrar nos quadros da empresa e tinha voltado à escola nesse ano. Mas nem a presença do “sogro” inibiu o namoro.

O amor foi-se construindo aos poucos. Alice e Rui cresceram juntos e nunca mais se largaram. Em 1953 eram ambos ainda jovens, mas, com 21 anos, Rui Nabeiro era já um homem de trabalho, empresário sem “tempo para namoros nem cantadas”. O casamento aconteceu a 25 de outubro, em Campo Maior. Ele de fato, sapatos novos, brilhantina; Alice com o vestido de noiva que costurou com a mãe, as duas mãos segurando o ramo. Eram pouco mais de uma dúzia de convidados na igreja, praticamente só a família. Um dia perfeito, apenas ensombrado pela ausência do pai de Rui Nabeiro, que já tinha falecido. Depois da cerimónia, juntaram-se todos à mesa, comeram bolo e brindaram. Os noivos deram as mãos: depois de mais de dez anos de namoro, eram agora marido e mulher.

“Casámos cedo e a minha mulher tem sido o meu apoio constante ao longo da vida. Recordo que já nessa altura trabalhava muito

“QUE VIDA TERIA
TIDO SEM ELA?
NÃO SERIA ELE, NÃO
SERIA O HOMEM
QUE ESTAVA ALI.
SEM ELA, ELE NÃO
SERIA ELE.”

JOSÉ LUÍS PEIXOTO,
ALMOÇO DE DOMINGO



e precisava de bastante tranquilidade familiar”, contou Nabeiro na biografia *O Homem, Uma Obra*, de Tereza Castro Ribeiro Reis. Quem os conheceu diz que eram inseparáveis. Ele, embrenhado no trabalho, sempre com problemas para resolver e papéis espalhados em cima da mesa, muito requisitado, figura pública, bom conversador. Ela, mais recatada, de menos palavras, atenta para que nada faltasse ao seu Rui, a ajeitar-lhe a gravata antes de ele sair de casa.

Rui e Alice tiveram dois filhos: João Manuel, que nasceu em 1954, e Helena, nascida em 1959. Depois vieram os netos: Rui Miguel, Rita, Ivan e Marcos. Para Rui Nabeiro, qualquer pretexto era bom para reunir a família, sobretudo se fosse à volta da mesa. Gostava do barulho feliz das crianças, acompanhou o crescimento dos netos e iniciou-os no negócio do café. “Têm de estudar e aprender para virem ajudar o avô”, dizia-lhes. E eles assim fizeram. Hoje, todos integram o Conselho de Administração.

Alice Nabeiro acabou por estar também ligada à empresa através da Coração Delta, uma associação de solidariedade social que nasceu, em 2005, fruto da vontade pessoal do casal, para promover serviços e programas nas áreas de educação, saúde e intervenção social. Dois anos depois, foi inaugurado o Centro Educativo Alice Nabeiro, para dar resposta às necessidades escolares das crianças de Campo Maior. Ainda antes de o Centro abrir portas, foi Alice Nabeiro quem acompanhou as obras e escolheu os materiais utilizados. “A necessidade de criar um espaço onde o processo educativo surgisse logo nos primeiros anos de vida das crianças era tanto do meu pai como da minha mãe, talvez até mais da minha mãe, e está espelhada no Centro Educativo desde o primeiro momento”, contou João Manuel Nabeiro. O nome foi escolhido pela família e mantido em segredo até ao dia da inauguração, para surpresa de Alice Nabeiro, quando a placa foi finalmente destapada. “A minha mãe não esperava. Ficou encantada. Mas fazia todo o sentido, porque ela está aqui desde o primeiro minuto.”

Nos últimos anos, com a mulher já doente e mais fragilizada, coube a Nabeiro cuidar da sua Alice. Procurava passar o máximo de tempo com ela e alegrava-se por agradecer-lhe. Numa entrevista em 2020, admitia: “Fui um privilegiado. Ela era uma companheira a sério, completava-me a vida.”



1931
2022

1931

OS PRIMEIROS ANOS DE MANUEL RUI NABEIRO



**MANUEL RUI AZINHAIS NABEIRO NASCE A 28 DE MARÇO DE 1931
NUMA FAMÍLIA HUMILDE DE CAMPO MAIOR.**

MANUEL RUI AZINHAIS NABEIRO nasce a 28 de março de 1931, em Campo Maior, numa família de gente do campo, humilde - “mas não pobre”, como o Comendador sempre fez questão de sublinhar nas suas entrevistas.

A mãe, Maria de Jesus, é analfabeta, e o pai, Manuel dos Santos Nabeiro, tinha aprendido a ler quando estava na tropa. Sabe fazer a sua assinatura e pouco mais, mas isso permite-lhe tirar a carta de condução e tornar-se motorista de um médico que era também lavrador. Deixar o trabalho agrícola é já uma forma de subir na vida. Manuel Rui - a quem chamam apenas Rui - recorda-o como “um trabalhador nato”, “um sacrificado” que trabalha de sol a sol para que nada falte à família.

Rui Nabeiro tem quatro irmãos - com ele, eram três rapazes e duas raparigas -, mas um dos rapazes morre muito cedo. Lá em casa não há doces e bolos só no Natal, é verdade, mas Rui e os irmãos vão à escola e andam calçados, o que não é assim tão comum. Os sacrifícios dos pais têm um objetivo: os filhos não de completar a quarta classe.

Quando recorda a sua infância, Rui Nabeiro diz: “Não existia aqui no Alentejo vida para viver. Existia vida de passar o tempo trabalhando e lutando, sempre para alguém que não nos reconhecia. Hoje isso não acontece assim, há uma melhoria extraordinária. As pessoas mais humildes aqui de Campo Maior trabalham, mas também vivem. A maior mudança é esta: começámos a ser mais humanos.”

Situada no canto mais a leste do distrito de Portalegre, a vila de Campo Maior está longe de tudo, é verdade. Mas, por outro lado, Espanha está logo ali. Em linha reta, são apenas 15 quilómetros até Badajoz. “Estar na Raia faz com que Campo Maior seja diferente da maioria dos sítios. Aqui caminhamos até ao vizinho e o vizinho caminha até nós em busca de melhores dias.”

Quando há falta de bens, de um lado ou do outro, os homens ignoram as fronteiras e desafiam as autoridades. “Menos mal que havia o contrabando, que era de interesse dos dois países. Por isso, os contrabandistas passavam livremente pela fronteira. Quando havia pouco trabalho cá e lá, levar café até Espanha era uma profissão”, contou Rui Nabeiro ao jornal espanhol *El Diario*.

O NASCIMENTO DE UMA NOVA MARCA: CAFÉS CAMELO

A LIGAÇÃO da família Nabeiro com o café não começou com Rui Nabeiro, mas com o seu tio Joaquim. Nos anos 30, Joaquim dos Santos Nabeiro passa a matéria-prima verde (café cru) de Portugal para Espanha para aí ser torrada, de forma ilegal. Percebendo o potencial do negócio, Joaquim corta com os intermediários e aposta ele próprio na torra do café, e cria a marca Cubana que, depois de perseguida pela Inspeção das Atividades Económicas, acaba por ser vendida.

É nessa altura, em 1937, que Joaquim convence o irmão Manuel (pai de Rui Nabeiro), e um cunhado, Vitorino Silveira, a juntarem-se a ele para criar uma nova marca de café, a Camelo. Porquê o nome Camelo? “O meu tio era um homem de grande risco e fez a Camelo olhando um pouco para o tabaco Camel. A Camelo ainda hoje é quase uma fotografia da Camel. Houve alguns problemas com a companhia, a Philip Morris, mas conseguimos fazer um acordo entre as partes, garantindo que só fazíamos café.”



**A CAMELO PASSOU DEPOIS
A SER UMA DAS MARCAS
DO GRUPO NABEIRO
E SOBREVIVE ATÉ HOJE.**

1940

O PROFESSOR QUE LHE MUDOU A VIDA

ENQUANTO a geração acima se iniciava no negócio do café, Rui Nabeiro senta-se no banco da escola primária, em Campo Maior, e aprende a ler e a contar. É lá que aos “nove ou dez aninhos” Rui Nabeiro conhece quem viria a ser a mulher da sua vida. No início, as turmas não eram mistas. Meninos de um lado, meninas do outro. Mas, no último ano, em 1940, o professor faz um “cambalacho” e toma a decisão ousada de os juntar. “Quando chegámos à quarta classe é que começou a haver classes com rapazes e raparigas, e toda a gente arranhou um namoro”, recorda. Rui e Alice também. “Começámos a namorar, aliás, a dizer que namorávamos! E foi até hoje.”

O professor António Joaquim Oliveira, homem com “uma imaginação social desenvolvida”, é importante para Rui Nabeiro também por outras razões. Percebe que o rapaz tem vontade de aprender e puxa por ele. Escolhe-o para ficar a tomar conta da turma quando tem de se ausentar, pede-lhe para explicar a matéria aos colegas que têm mais dificuldades e também para o ajudar a pôr de pé uma cantina para os alunos mais carenciados. “Tens muito para dar, tu vais longe”, terá dito o professor. Rui Nabeiro reconhece: “A escola deu-me uma certa vivacidade e um certo querer pela vida.”

**ALICE E RUI NABEIRO
CONHECERAM-SE NA ESCOLA
PRIMÁRIA. CASARAM-SE
EM 1953.**



1941

“QUASE NÃO TIVE INFÂNCIA.
NÃO FIZ OUTRA COISA
SENÃO TRABALHAR”

“DURANTE a instrução primária, a minha preocupação era ajudar os meus pais. Éramos quatro filhos, as carências eram bastantes”, contou Rui Nabeiro numa entrevista a Anabela Mota Ribeiro, em 2002. Em Campo Maior, nesta altura, apenas é possível estudar até à quarta classe. Depois disso, é preciso ir para Elvas, Évora ou Portalegre. Mas são poucas as crianças que têm essa possibilidade. Terminada a escola primária, quase todos os miúdos começam a trabalhar. Na família Nabeiro, as raparigas aprendem a costurar, os rapazes procuram trabalho fora de casa.

Rui, ainda uma criança, começa cedo a querer ajudar os pais. “Não fui moço de andar a brincar na rua”, diz. E faz de tudo um pouco. Chamam-no sempre que o pregoeiro da terra está doente ou não pode cumprir a sua função – e lá vai ele, com onze anos, percorrendo as ruas de Campo Maior e gritando as notícias e os avisos da Câmara. Também vende peixe, faz recados, está sempre à procura de uma oportunidade para ganhar mais uns tostões.

“Por vezes os casais têm os seus desequilíbrios, e os desequilíbrios são quase sempre de ordem económica. Aos onze anos, apercebia-me de situações. No que pudesse laborar cá fora para levar para casa, laborava. Vocacionava a minha pequena ajuda para a minha mãe. Desde que a minha mãe não tivesse problemas, o casal também não os tinha.”

No ano seguinte, com a ajuda do patrão do pai, Manuel e Maria de Jesus abrem uma pequena mercearia, chamada Alimentação e Salsicharia Sr.ª Maria Azinhais. Rui dedica-se então a ajudar a mãe. Vai com ela a Elvas, de autocarro, buscar mercadorias, carrega caixas, arruma, limpa. “Quase não tive infância. Não fiz outra coisa senão trabalhar”, diz Rui Nabeiro.

O TIO JOAQUIM,
UM EXEMPLO PARA A VIDA

COM SACOS ÀS COSTAS, CARREGADOS
DE CAFÉ, OS CONTRABANDISTAS ATRAVESSAM
A FRONTEIRA DE ESPANHA. JOAQUIM
DOS SANTOS NABEIRO É O QUARTO NA FOTO.



EM 1944, Rui Nabeiro vai trabalhar com o tio Joaquim, na Camelo. Transporta num carrinho de mão os sacos de café verde, entre a estação dos caminhos de ferro e a fábrica. Cada saco pesa 20 quilos e o rapaz carrega quatro de cada vez. A influência deste “tio extraordinário” no seu percurso é enorme. E não é só por ter sido ele a trazer o negócio do café para a família. “Nasci, cresci e fiz-me homem na sombra do meu tio Joaquim. Deixou-me trabalhar e deixou-me ter ambição”, conta Rui Nabeiro.

Joaquim dos Santos Nabeiro, também conhecido como Joaquim d’Olaia, era “um homem de audácia que, quase analfabeto, aprendeu sozinho a escrever o seu nome. Era um homem inteligente e trabalhador”. Decidiu muito cedo que não queria trabalhar no campo. Aos 14 anos saiu de casa dos pais. “Queria para ele uma vida diferente; lá ser cavador, não.”

Voltou-se para Espanha e dedicou-se ao transporte de mercadorias, legal ou ilegalmente. “Era um homem de confiança na fronteira e conhecia bem os seus meandros.” De saco às costas, o tio Joaquim foi um dos pioneiros no contrabando de

café, ainda verde, que vinha de Angola, Timor, São Tomé e Cabo Verde, para as fábricas de Espanha. Houve uma vez que o tio Joaquim e o seu cunhado, Vitorino Silveira, foram apanhados. “Os dois levavam café para Espanha, foram presos pela guarda, levados para Madrid e dali para a frente de combate [durante a guerra civil espanhola].

A sua vida perigava, a família estava em sobressalto permanente. De maneira que passaram muitas privações até que os ministérios respetivos e o governo intercedessem para que os portugueses pudessem regressar. Regressaram a Lisboa, por via marítima. Eu era muito jovem, mas lembro-me”, contou Rui Nabeiro numa das suas entrevistas. Foi ao ver, em Espanha, como funcionava uma torrefação de café, que Joaquim teve a ideia de montar a sua própria fábrica em Campo Maior.

Joaquim era comerciante e também empreendedor. Rui Nabeiro admira a sua vontade de alcançar sempre mais e de nunca depender de ninguém. O tio Joaquim “nunca fez outra coisa senão trabalhar para ele próprio”, diz. E essa é uma das lições que ensina ao sobrinho. “Foi a pessoa que me abriu caminho”, admite Rui Nabeiro.

1945

TRABALHO DURO NA TORRA DO CAFÉ

AOS 14 ANOS, Rui Nabeiro passa dos carregamentos para a frente da manivela de um pequeno torrador manual da fábrica do tio. É aqui que começa, de facto, a aprender os segredos do café.

A torrefação consiste em colocar os grãos crus em contacto com o calor, através da injeção de ar quente no balão da torra. Isto tem de ser feito com muito cuidado, equilibrando a quantidade de café na máquina, a entrada e saída do ar, a temperatura (entre 190 e 240 °C), o nível de humidade e a duração de toda a operação, para que a torra atinja o ponto perfeito, sem deixar os grãos crus e sem os queimar. Assim que o café começa a estalar, é sinal de que começa a ficar torrado. Diferentes tipos de torra dão origem a café com sabores diferentes.

Rui Nabeiro trabalha de manhã à noite. “Era jovem, mas já trabalhava como um homem. Fazia um trabalho muito duro, principalmente em termos físicos”, recorda o próprio. Acordava de madrugada para ir trabalhar e ficava na fábrica o dia inteiro. “Não tinha tempo para *hobbies*, nem para divertimentos. O meu *hobby* era o café.”



**A BOLA DA TORRA DO CAFÉ.
ESTA É UMA DAS PRIMEIRAS
BOLAS DA DELTA E ESTÁ
EM EXPOSIÇÃO NO CENTRO
DE CIÊNCIA DO CAFÉ,
EM CAMPO MAIOR.**

A APRENDER OS MEANDROS DO NEGÓCIO

AO CONTRÁRIO dos tios, o jovem Rui Nabeiro já não tem de andar com um saco de 30 quilos de café às costas e atravessar os montes até Espanha. É “mais felizardo”, admite. “Já tive um pequeno privilégio. Tive dois tios que fizeram a sua vida caminhando na fronteira. Eu já não andei com a mochila às costas”, contou numa entrevista a Ana Sousa Dias. O que tinha de fazer era arranjar as pessoas que fizessem esse trabalho, abastecê-las e coordenar a operação. Depois, “arranjar o cliente no outro local para alguém passar. Era uma atitude de menos esforço. Uma parte da técnica já a tínhamos, eu só tinha de garantir que havia clientes e abastecimento. Eu ia a Espanha e depois os

produtos apareciam lá, de automóvel, ou havia pessoas que passavam em determinados sítios.” Nesta altura, o contrabando é já uma atividade mais organizada, realizada em quadrilhas. A ele compete-lhe coordenar, “de um lado e de outro”. Estávamos em 1947.

O esforço físico é menor, mas este é ainda um trabalho de risco. “Havia pessoas que eram presas e maltratadas, tanto na parte portuguesa como na parte espanhola. A fronteira dava camisa e tirava camisa”, conta Rui Nabeiro. O contrabando permite-lhe viver um bocadinho melhor, mas “ninguém ganhava fortunas junto da fronteira”. “Daí, cingi-me ao café, mais nada.”

O EMPRESÁRIO RUI NABEIRO

COM A MORTE do pai, Rui Nabeiro é “empurrado” para assumir a sua posição na empresa da família. Não tendo filhos, Joaquim d’Olaia encontra nos sobrinhos o “interesse e apoio para continuar os negócios”, começando Rui a distinguir-se pelo empenho e capacidade de trabalho, em 1950. “Não tive juventude. Tive de assumir a posição do meu pai na empresa em que ele era sócio. Foi quando comecei, de facto, a trilhar a minha vida”, conta.

Nesta altura, o negócio do café tem vários protagonistas, mas quase todos têm o apelido Nabeiro, explica Luís Cunha na obra *Memória Social em Campo Maior*: “Da primeira geração, falecidos dois dos três irmãos, continuam

Joaquim d’Olaia e o cunhado Silveira.” A eles juntam-se agora os sobrinhos, Fernando Lopes (filho de João Nabeiro), Manuel Rui e o irmão António Azinhais. “Não estando restringida a estes nomes, a actividade de transformação e comércio, legal e ilegal, de café na vila de Campo Maior, encontra neles as referências principais, aquelas que, sublinhe-se, ainda hoje se evocam. Joaquim e Silveira viveram até tarde e são lembrados como pioneiros do contrabando de café, não tendo nunca rejeitado esse passado. Rui Nabeiro surge como continuador do trabalho destes homens, ainda que, comparativamente à geração precedente, a sua acção seja seguramente mais empresarial do que aventureira.”



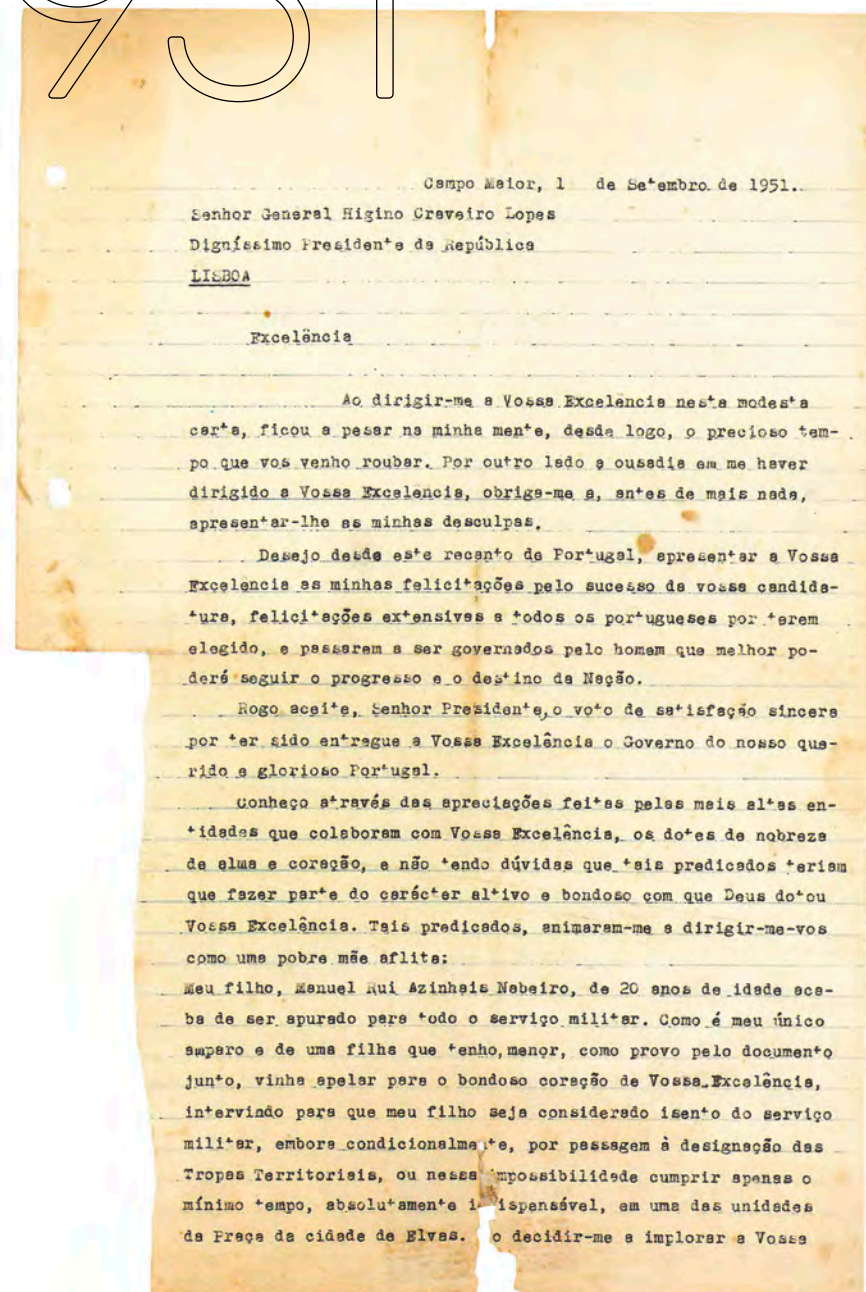
1950

A CARTA DA MÃE PARA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A 1 DE SETEMBRO DE 1951, a mãe do então jovem Rui Nabeiro escreve ao Presidente da República, general Craveiro Lopes, apelando ao seu “bondoso coração”, para que intervenha e isente o filho do cumprimento do serviço militar, argumentando que ele é o seu “único amparo”. A resposta, vinda da secretaria da Presidência da República, é, no entanto, negativa: “A qualificação de amparo em nada contribui para que um dado mancebo seja considerado isento de prestação de serviço militar.”

O serviço militar obrigatório universal é institucionalizado em Portugal com a República, em 1911, e confirmado pela Constituição de 1933. Todos os rapazes têm de ir à tropa, ainda que sejam o “amparo” da sua mãe. Recusado o pedido de Maria de Jesus, o soldado Manuel Rui Azinhais Nabeiro apresenta-se no Quartel de Elvas a 29 de abril de 1952 para cumprir o serviço militar no Batalhão de Caçadores 8, até 10 agosto de 1952, num total de 103 dias.

A sua especialidade é observador telemetrista, ou seja, dedica-se à medição de distâncias com um telémetro.



PARABÉNS AOS NOIVOS

TERMINADO o serviço militar, é tempo de casar. Alice e Rui namoram desde os tempos da escola primária. “Aquilo não era amor, não era nada, era uma simpatia. Começámos com oito anos e durou uma vida inteira”, contou Alice Nabeiro numa das suas raras intervenções públicas.

Em 1953, são ambos ainda jovens, mas Rui Nabeiro é já um homem de trabalho, empresário sem “tempo para namoros nem cantadas”. O casamento acontece a 25 de outubro, em

Campo Maior. Dele nasceram dois filhos: João Manuel e Helena Maria Gonçalves Nabeiro.

“O segredo da nossa relação é a compreensão, daí à amizade e ao amor”, diria Alice Nabeiro, sem poupar elogios ao marido: “Tem compreensão e eu também tenho um bocadinho de compreensão para ele. É uma pessoa excepcional e carinhoso para todo o mundo. Bom pai, bom marido, bom amigo e toda a gente que chegue junto dele só se não puder é que não é satisfeito o pedido que lhe faz.”

ALICE E RUI NABEIRO
CASAM-SE A 25 DE OUTUBRO
DE 1953, EM CAMPO MAIOR.



1954

O PRIMOGÉNITO DE RUI E ALICE NABEIRO



É NA RUA de Badajoz, paredes-meias com o Estádio do Campomaiorense, que nasce o primeiro filho de Rui e Alice Nabeiro, João Manuel. Um prenúncio do que viria a ser o seu futuro à frente do clube da terra. Antes, porém, estuda em Lisboa. Só que o seu percurso no Instituto Superior Técnico, no curso de Engenharia Eletrotécnica, coincide com o golpe de asa do seu pai que, em 1975, traz de Luanda um navio carregado com café. “Essa foi a nossa rampa de lançamento. Ver a satisfação dos nossos clientes e nós a servi-los quando não havia produto no mercado. A partir daí, crescemos exponencialmente”, recorda.

Esse crescimento exponencial fá-lo dividir-se entre os estudos e a Delta. “Comecei a ter um pé no Técnico e outro na empresa. Fazia as duas coisas. Tínhamos um diretor de vendas, uns rapazes nas vendas hoteleiras e eu acoplava-me com regularidade. Depois, de um dia para o outro, fiquei sem ir ao Técnico, porque já não resultava para mim ter as duas vidas.”

É no final dos anos 70 que João Manuel Nabeiro começa a trabalhar a tempo inteiro na Delta. E é ele o responsável pelas primeiras grandes campanhas de publicidade e ações de comunicação. “Cabia-me a mim o contacto com as agências. Lembro-me de trabalharmos muito com a Neovox e com o nosso querido João Correia. No início fazíamos muita rádio e muitos jornais. E começámos logo desde muito cedo a apostar no futebol.”

Essa aposta no futebol ganha nova dimensão nos anos 90 com o projeto do Sporting Clube Campomaiorense. À frente dos destinos do clube, João Manuel leva-o ao escalão maior do futebol nacional e a uma presença inédita na final da Taça de Portugal, em 1999. Entretanto, e com o fim do futebol sénior, decide pôr as instalações onde se recuperavam os jogadores ao serviço da comunidade, com a abertura do Clube de Saúde.

Mais recentemente, depois de supervisionar as recuperações do restaurante ApertAzeite e o projeto turístico da Herdade dos Adaens, assumiu a presidência do Conselho de Administração do Grupo Nabeiro. Sempre com o foco no exemplo maior da sua família. “Tentei sempre ser um fiel seguidor daquilo que são as pisadas do meu pai. E isso, a mim, tem-me enchido de amor e alegria.”

É UMA MENINA!

EM 1959 nasce Helena Maria, filha de Alice e Rui Nabeiro. Tal como o irmão, João Manuel, também ela cresce a acompanhar de perto a atividade empresarial do pai, acabando por desempenhar um importante papel no negócio da família. Coube à atual administradora do Grupo Nabeiro a missão de inaugurar o Museu do Café a 21 de dezembro de 1994 - um espaço único no país (e um dos poucos na Europa), onde não só se conta a história do café mas também da própria família Nabeiro. Essa missão foi mais tarde alargada ao atual Centro Ciência do Café, inaugurado em 2014, e que é hoje um centro de interpretação, divulgação científica e tecnológica, e também um passaporte para o mundo da Delta.

Mãe de Ivan Nabeiro (atual administrador do Grupo Nabeiro) e de Marcos Nabeiro Tenório (cavaleiro), Helena Nabeiro é também ela uma aficionada do cavalo, tendo fundado a sua própria coudelaria, há mais de 20 anos. Entre 1987 e 1990, chega a participar em provas do campeonato nacional, na modalidade de *raids* hípicas. Mesmo longe da competição, nunca se afasta deste universo, de resto partilhado com o seu marido, Joaquim Manuel Carvalho Tenório, conhecido como Joaquim Bastinhas, que foi um dos mais aplaudidos cavaleiros tauromáquicos portugueses.

RUI, HELENA, JOÃO MANUEL E ALICE NUMA

FOTO DO FINAL DOS ANOS 60.



1960

1961

48



AS PRIMEIRAS VITÓRIAS DA DELTA

A PARTIR de 1961, a história de Rui Nabeiro começa a confundir-se com a história da Delta. O primeiro ano não é fácil. O mercado nacional, naturalmente pequeno, oferece pouco espaço de manobra para marcas novas. É porventura a época em que Rui Nabeiro mais vezes ouve a palavra “não”, o que nunca o impede de continuar. Pelo contrário.

Oficialmente inaugurada em fevereiro de 1961, num armazém com 50 metros quadrados, três funcionários e apenas duas bolas de torra, a Delta vê-se obrigada a procurar soluções criativas para vingar. “No início, não conseguia vender um quilo de café. Mas a imaginação ajudou-me e comecei por vender as cevadas, que era o produto que o povo conseguia adquirir”, conta Rui Nabeiro, que, nestes primeiros anos, concilia o novo desafio com o seu trabalho na Torrefação Camelo. “Levantava-me às 3h30 da manhã e ia trabalhar.” Consigo, na nova empresa, estão apenas três empregados, todos eles já reformados. “Dois tinham trabalhado na GNR e um na

Guarda Fiscal.” O financiamento para o arranque é conseguido através das poupanças que Rui Nabeiro já tinha na altura e às quais soma dois pedidos de crédito.

Viabilizado o projeto, é preciso escolher o nome da nova marca. “A minha intenção era dar-lhe o meu nome. Coloquei duas hipóteses à empresa que tratava das nossas patentes e marcas [J. E. Dias Costa], e foram eles que sugeriram o nome Delta.” A acústica agradável e a facilidade de pronúncia - e em diferentes línguas - convence Rui Nabeiro, que delega na mesma empresa a tarefa de desenhar a imagem inicial da Delta.

Do resto, trata ele. Ao perceber que a sua concorrência não se desloca até aos clientes, nem tão-pouco lhes dá assistência ou concede crédito, decide mudar o sistema de comércio praticado. “Eu estudei aquilo tudo e percebi que havia ali uma falha. Aos poucos, começámos a vender porque facilitávamos o crédito, as máquinas; as entregas do produto eram à porta de casa... Se deu prejuízo? Deu. Mas depois deu dinheiro.”

RUI NABEIRO

A CHEGADA À CAPITAL

O CORAÇÃO da Delta está em Campo Maior, mas a sua área de influência começa rapidamente a estender-se a todo o país. Desde logo, a Lisboa, onde abre o seu primeiro entreposto comercial, na avenida Gago Coutinho, em 1963.

É aí, numa vivenda arrendada a um amigo, e mais tarde adquirida, que a Delta instala o seu escritório alfacinha. “Também tínhamos um armazém na zona da Graça, no número 92 da rua da Verónica, onde fazíamos as descargas de café, em cima de um tapete desenrolado na cave. Depois, passámos para a Infante D. Henrique, onde estamos ainda hoje”, conta Rui Nabeiro.

Num país pequeno e com poucas infraestruturas rodoviárias, estes entrepostos revelam-se fundamentais para encurtar distâncias. As estradas nacionais estão, por norma, congestionadas e nem sempre nas melhores condições. Já as autoestradas são quase inexistentes. A A1 - ainda hoje considerada a espinha dorsal do sistema rodoviário português - nasce com o objetivo de ligar a capital à cidade do Porto, mas nesta altura limita-se ainda a dois troços: o primeiro, de 23 quilómetros, construído entre Lisboa e Vila Franca de Xira em 1961, e um segundo, de apenas 3,5 quilómetros, entre Carvalhos e Santo Ovídio, aberto à circulação precisamente em 1963.

FOTOGRAFIA HORÁCIO NOVAIS. BIBLIOTECA DE ARTE/FCG



1965



VIAGENS NA MINHA TERRA

TRÊS ANOS após a criação da marca, a Delta continua a crescer e, depois de Lisboa e Coimbra, inaugura o seu entreposto comercial no Porto. Sediado na Senhora da Hora, nasce em 1964 com funções de armazenamento e de distribuição, contando com uma pequena equipa de vendedores que assegura as transações comerciais.

Rui Nabeiro talvez não precise de ir todas as semanas ao Norte, mas também ele quer estar o mais perto possível de todos os seus trabalhadores, mesmo que isso implique longas viagens de sete horas, desde Campo Maior. Viagens feitas naquele que é o primeiro veículo ao serviço da empresa - uma robusta e fiável Ford Fordson verde e amarela, comprada em segunda mão pelo seu tio Joaquim.

É nela que viaja por todo o país, quase sempre em trabalho. Mas mesmo quando estacionada nas instalações da Delta, em Campo Maior, a carrinha está pronta para eventualidades e emergências, seja visitar um cliente ou transportar alguém para o hospital. Um carro para todo o serviço, que o tempo se encarregou de transformar em peça de museu: hoje é uma das principais atrações do Centro de Ciência do Café.

FOTOGRAFIA ENRIC VIVES-RUBIO

1966

AS PRIMEIRAS VIAGENS INTERNACIONAIS

AS VIAGENS são uma constante na vida de Rui Nabeiro, que em 1966 começa a fazer as suas primeiras incursões internacionais. Espanha, França, Alemanha e Itália são alguns dos destinos que acabariam por se tornar recorrentes, mas também o Brasil, país de que guarda memórias especiais.

“Lembro-me, por exemplo, das viagens ao Congresso de Café em Guarujá, perto de Santos, no estado de São Paulo. Foi um sítio que me deu muita ilusão. Trabalhávamos e também passeávamos – havia sempre uma excursão aqui ou acolá proporcionada pela organização do evento. Mas também gosto muito dos países nórdicos, nomeadamente da Suécia, e claro, não posso deixar de mencionar os Estados

Unidos e aquele estilo de vida intenso que eu nunca tive, exceto no que toca ao trabalho.”

É nas viagens que encontra inspirações, importando depois os modelos de negócio, mas também o equipamento que faz da Delta uma empresa de sucesso: “As ideias também nascem daí, de ver muitas coisas e de falar com muita gente. A pessoa que é humilde ouve e regista, e eu ando sempre com um papelinho para apontar”, conta à neta Rita Nabeiro, numa conversa publicada na primeira edição da DDD. Os “papelinhos” foram entretanto substituídos por *post-it*, não fosse Rui Nabeiro um fervoroso utilizador dos pequenos blocos de notas amarelos, também eles uma prova de que as ideias mais simples são, muitas vezes, as mais surpreendentes.

“QUANDO OS OUTROS ESTAVAM A IR, JÁ EU ESTAVA A VOLTAR” É A FRASE QUE RUI NABEIRO DIZIA MUITAS VEZES SOBRE OS SEUS CONCORRENTES. A CURIOSIDADE INESGOTÁVEL DO FUNDADOR DA DELTA ESTÁ NA ORIGEM DE MUITAS DAS SUAS IDEIAS.



FOTOGRAFIA MÁRIO NOVAIS, BIBLIOTECA DE ARTE/FCG

OS PRIMEIROS SUPERMERCADOS

O PRINCÍPIO DE UM SONHO

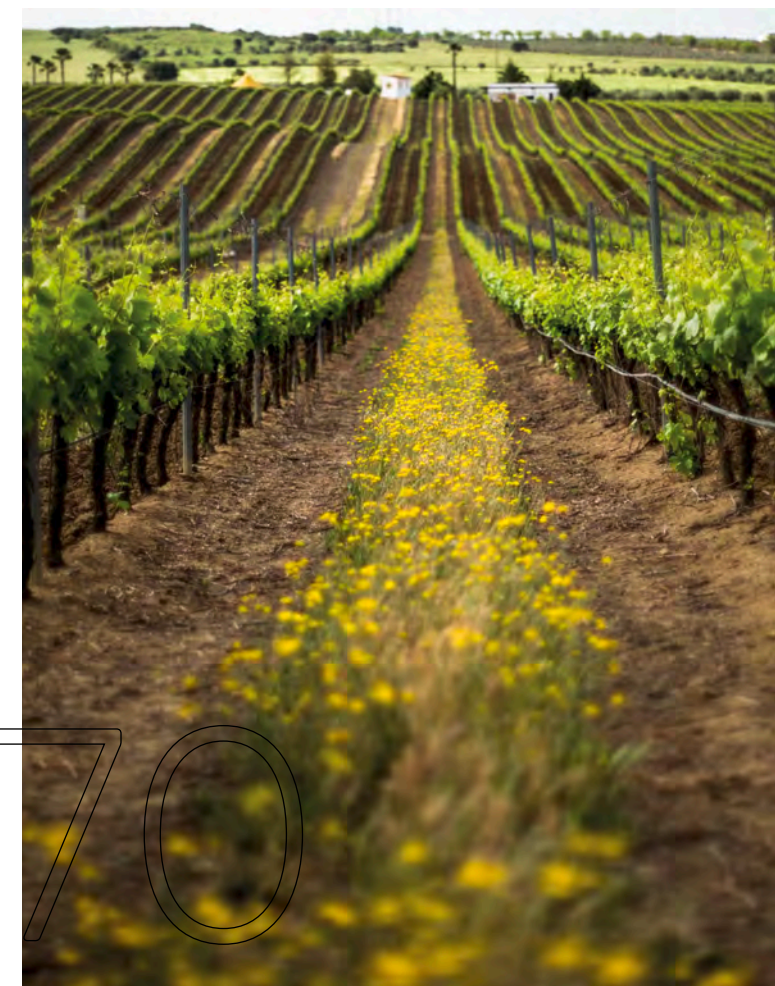
EM 1968, Rui Nabeiro compra a Herdade das Argamassas, onde no futuro virá a instalar o complexo industrial da Novadelta. É também neste terreno que concretiza o sonho de se tornar ele próprio um produtor de vinho, inscrevendo o seu nome numa prática antiga, quer na região, quer na própria família. “Campo Maior sempre teve uma tradição no que diz respeito à produção de vinhos. As pessoas pobres desta zona faziam vinho para consumir em casa. Quase todas as famílias tinham um pedaço de terreno que separavam em duas áreas: uma para o pão, outra para o vinho e para o azeite. Há em todos nós uma tradição, ou pelo menos uma saudade, da forma como os nossos antepassados viveram, e que era, na verdade, um bom exemplo de um comércio de sustentabilidade.”

Era assim no Alentejo interior, que Rui Nabeiro recorda como um meio de muitas carências, mas também como uma terra abençoada, onde até as pessoas mais pobres tinham meios para sobreviver. “Os meus avós e bisavós tinham esse privilégio de ter um bocadinho de terra, certamente deixada pelos seus pais, e faziam o seu vinho. Eu segui a tradição que vi nos outros. A minha intenção foi a de criar algo. E criei.”

São 106 hectares que marcam o início de um novo capítulo na história de Rui Nabeiro e da própria empresa, que vê a sua amplitude desenhar-se desde cedo. Sem menosprezar o lado simbólico e emocional que insiste em não calar: “Em menino contemplava a paisagem da Herdade das Argamassas. Acompanhava os meus avós maternos, com pé ligeiro e com a ideia persistente em fazer mais pela minha família e pela minha terra. Já nessa altura, namorava aquelas terras e nunca imaginei que um dia seriam minhas. É uma herdade que me diz muito, que me toca no fundo da alma.”

UM ANO depois de se ter constituído a Sociedade Armazéns de Mercarias M.R.A. Nabeiro Lda, é inaugurado em Setúbal um armazém de mercarias, criado à imagem daquele que já existe em Campo Maior e que, por esta altura, abastece todo o distrito de Portalegre. Estamos em 1970, e o objetivo passa por replicar um modelo de sucesso e, ao mesmo tempo, consolidar a expansão do grupo em novas áreas de negócio.

Para isso, Rui Nabeiro volta a fazer uso daquela que já vem sendo uma estratégia sua: a colocação de pessoas da sua confiança (e quase sempre de Campo Maior) em cargos-chave, nomeadamente naqueles que, geograficamente, estão mais distantes do coração da empresa. Mais uma aposta vencedora: passados três anos, o armazém transforma-se em supermercado, à semelhança dos da capital onde, durante toda a década de 1960, foram abrindo sucessivos e multifacetados espaços comerciais, pensados para funcionar “ao serviço das donas de casa e da economia doméstica”.



1970

1971

O 25 DE ABRIL EM CAMPO MAIOR

COM O FINAL de uma ditadura de cinco décadas, é tempo de operar toda uma reestruturação legislativa e política, mas também do próprio tecido social. Até então profundamente assimétrica, a sociedade campomaiorense transforma-se lentamente: inauguram-se cooperativas e surgem novas oportunidades de trabalho.

Na Delta, onde trabalham 77 pessoas, um pequeno grupo de funcionários mobiliza-se no sentido de tomar a torrefação, mas é rapidamente demovido pelo próprio Rui Nabeiro, que, sempre presente e próximo dos seus colaboradores, não é apanhado de surpresa. Intervém a tempo, apazigua os ânimos. E sai para a rua, com o seu povo. “Caminhei, gritei e fizemos a nossa marcha”, recorda.

A Delta cresce exponencialmente, dando emprego a muitos trabalhadores. Com a revolução de 1974 chega também a oportunidade de mais mulheres entrarem no mercado de trabalho, ainda que na Delta elas já marcassem presença desde o final da década de 1960.

Maria Alcide Carapinha Caramelo é uma das primeiras trabalhadoras a ingressar nos quadros da empresa. Entra ao serviço a 20 de novembro de 1969, com apenas 16 anos, para trabalhar na fábrica de café. “Adorava o trabalho da torrefação. Aí, as mulheres, que já eram algumas, faziam um pouco de tudo: batíamos as torras, mas também enchíamos os pacotes de café. Naquele tempo era tudo feito à mão.”

Em 1974, Rui Nabeiro desafia-a a mudar-se para o armazém de mercadorias que abastece todo o distrito, e onde, à época, só trabalham homens. Maria Alcide não hesita em ser a primeira. Fica até 2015, ano que abandona a empresa onde trabalhou a vida toda: “Senti-me sempre em casa. Na Delta somos uma grande família.”



FOTOGRAFIA MICHEL CLEMENT / GETTY IMAGES

A SORTE PROTEGE OS AUDAZES

10 DE NOVEMBRO DE 1975. Na véspera da independência de Angola, oficialmente formalizada em fevereiro do ano seguinte, Rui Nabeiro regressa a Portugal, dando por terminada aquela que terá sido uma das viagens mais cruciais e bem-sucedidas da sua vida, mas também mais um excelente exemplo da sua intuição empresarial.

Numa altura em que a maioria dos portugueses abandona África, Rui Nabeiro faz o caminho inverso e ruma a Angola, onde acaba por ficar cinco meses. “No aeroporto encontrei algumas pessoas amigas que me disseram: ‘mas aonde é que você vai? Você não está bom da cabeça...’ E eu respondia: ‘Bem, se correr bem, muito bem; se correr mal, terei de me sujeitar.’” Correu muito bem.

Consciente da dependência que o mercado nacional tem da produção angolana no domínio do café, e antevendo importantes mudanças políticas no país africano, decide partir ele próprio, ao invés de mandar um representante, correndo riscos e sofrendo com os vários condicionamentos que se faziam sentir na altura. Um rasgo de audácia e coragem que faria toda a diferença. Ou, nas palavras de Rui Nabeiro, “um raio de luz que me iluminou”.

Mas, primeiro, era preciso transportar a carga de dezenas de milhares de sacos de café para Portugal: a Companhia Nacional de Navegação não tinha como responder à solicitação, pelo que foi preciso subalugar um barco grego que o próprio Rui Nabeiro ajudou a preparar para a viagem de regresso. Uma vez mais, foram as amizades semeadas vida fora que lhe valeram, garantindo que tudo se encaixava rumo a um final feliz.

Contas feitas, não precisou de viajar de barco com o café que conseguiu comprar e que a todo o custo queria proteger. Chegou a ter a mala no convés, mas acabou por comprar uma passagem aérea que o trouxe, vitorioso, de volta a casa. Resultado: enquanto a concorrência sofria com o racionamento de café, a Delta tinha os armazéns cheios e os clientes abastecidos.

**NO VERÃO DE 1975, QUANDO
A MAIORIA DOS PORTUGUESES
EM ÁFRICA TENTA REGRESSAR
A PORTUGAL, RUI NABEIRO FAZ O
IMPENSÁVEL E RUMA A ANGOLA COM
O PROPÓSITO DE COMPRAR CAFÉ.
FOI UM GOLPE DE ASA OU, NAS
PALAVRAS DE RUI NABEIRO,
“UM RAIOS DE LUZ QUE ME ILUMINOU”.**



1975

1976

CINCO VEZES PRESIDENTE DA CÂMARA



**TRÊS VEZES NOMEADO E DUAS DEMOCRATICAMENTE
ELEITO, RUI NABEIRO É UM AUTARCA
ACARINHADO PELO POVO DE CAMPO MAIOR.**

RUI NABEIRO concorre à Câmara de Campo Maior como candidato do Partido Socialista nas eleições de 12 de dezembro de 1976, naquelas que são as primeiras autárquicas depois do 25 de Abril. O resultado não deixa margem para dúvidas: uma expressiva vitória com 57% dos votos, bem à frente do candidato da Frente Eleitoral Povo Unido (FEPU) - antiga coligação formada pelo PCP, o MDP/CDE e a Frente Socialista Popular (FSP) - que obteve 35,5% das preferências.

Depois da vitória na eleição de 1976 segue-se nova conquista, em 1979, com 56,6% dos votos. Como “não há duas sem três”, nas autárquicas de 1982 o resultado é em tudo semelhante, ficando uma vez mais bem acima dos 50% (e mantendo-se no cargo até 1986). Na verdade, não são três as vezes que Rui Nabeiro assume os destinos da autarquia local, mas cinco.

A sua carreira política - se é que o termo pode ser aplicado, até porque nunca fez da política a sua vida ou profissão a tempo inteiro - começa ainda antes da Revolução, tendo sido nomeado presidente da Câmara em duas ocasiões. Em nenhuma delas terminou o mandato. Em 1968, foi convidado a sair “porque eles queriam que eu trabalhasse devagar e eu trabalhava mais à pressa”. Em 1972, saiu pelo seu pé, e em conflito com o governador civil de Portalegre.

“Fui um presidente de Câmara muito original. Nessa altura, antes do 25 de Abril, os presidentes eram nomeados e era difícil para uma pessoa oriunda do povo e humilde chegar lá. Estive na autarquia como presidente, como vereador, como vice-presidente e na presidência, interinamente, durante a década de 1960. Em 1972 voltei novamente, tentando com a minha dinâmica e atitude fazer o melhor. Era algo maravilhoso, sempre senti a Câmara Municipal como uma coisa ótima e, porque não dizê-lo, de alguma promoção. Devo dizer que qualquer pessoa que desempenha um cargo público está obviamente a promover-se”, lê-se no livro *O Homem, Uma Obra - a de Rui Nabeiro*, de Tereza Castro Ribeiro Reis.

O INÍCIO DA TERCEIRA GERAÇÃO

O PRIMEIRO neto de Rui Nabeiro, Rui Miguel, nasce em Lisboa a 23 de janeiro de 1979, e a sua irmã Rita chega quase dois anos depois, a 18 de dezembro de 1980. A Delta é uma memória de infância bem presente em ambos. “Lembro-me perfeitamente de em criança ir com o meu avô à fábrica. Logo à entrada havia os empilhadores, tudo mais artesanal, onde é hoje a Camelo”, conta Rui Miguel. Rita recorda os tempos passados com o irmão e os primos “a jogar às escondidas no armazém onde estavam as sacas de café”, e também o monte alentejano que existia onde hoje é a fábrica, “que tinha vacaria e um galinheiro”.

Ambos crescem e estudam na capital, enquanto o pai, João Manuel, chefia o departamento de Lisboa. As visitas ao escritório são frequentes. Rui Miguel entretém-se a espalhar as bolinhas dos registos do telex, com a cumplicidade de Beatriz Mourato, uma “figura importantíssima, incontornável, da Delta”.

O tempo vai passando, os irmãos formam-se: Rui Miguel Nabeiro, em Gestão de Empresas; Rita Nabeiro, em Design de Comunicação. E se o percurso académico de Rui Miguel é direcionado desde cedo para aplicar o conhecimento adquirido na Delta, já o de Rita indica um desejo antigo de independência. Rui começa mais cedo na empresa, em 2003, e envolve-se quase de seguida no projeto Delta Office, uma marca voltada para pequenos escritórios. “Não trabalhávamos esse

segmento, só os grandes escritórios, e eu achei que havia ali uma oportunidade.”

Rita, por outro lado, começa a trabalhar numa agência de publicidade. Mas quando surge a oportunidade de desenvolver uma marca de vinhos para o Grupo Nabeiro, pede para fazer uma proposta. “Pedi para me deixarem fazer e dizerem o que achavam, sem favores.” Marca uma reunião como se a família fosse mais um cliente e a proposta é aprovada. Nasce a Adega Mayor.

E se Rita, desde esse momento, fica ligada ao universo dos vinhos, sobre os quais vai aprendendo *on the job*, Rui Miguel Nabeiro avança para a criação do sistema de máquinas e cápsulas Delta Q. “Sem dúvida, o projeto mais marcante, pela dimensão que ganhou”, reconhece.

Com o avô, vão ambos aprendendo todos os dias. Conta Rui Miguel: “Ele tem sempre uma palavra sensata e a capacidade de mexer com as emoções das pessoas. Se alguém tem o objetivo de crescer 5% e cresce 20%, ele diz a essa pessoa para ter os pés assentes no chão. Mas se alguém tem o objetivo de crescer 5% e cresce só 1%, ele dá os parabéns, pede ânimo, motiva.”

Hoje, Rui Miguel Nabeiro é CEO do Grupo Nabeiro, Rita é CEO da Adega Mayor e administradora do Grupo, como o primo Ivan - e os três integram a Comissão Executiva do Grupo. O pai, João Manuel Nabeiro, preside ao Conselho de Administração.



1981

E QUE TAL UMAS FÉRIAS PAGAS NAS CANÁRIAS?

A DELTA é já uma empresa de dimensão razoável quando, em 1981, Rui Nabeiro dá início a uma tradição que perdurará na memória dos seus colaboradores durante décadas: as excursões organizadas a destinos soalheiros e atrativos como a Madeira, Palma de Maiorca ou às Canárias, que recebe a comitiva campomaiorense no início da década de 1980. Emídio Caramelo, então um simples ajudante de camião - e, mais tarde, motorista particular de Rui Nabeiro -, lembra-se bem dessa viagem.

“Estava na tropa nessa altura e tive de pedir férias para poder ir. Tinha de aproveitar, não é? Na altura quem é que ia oito dias para as Canárias com tudo pago pela empresa?” E é assim mesmo que acontece: trocam-se os escudos por pesetas na Delta para as despesas adicionais, apanha-se um dos vários autocarros fretados até ao aeroporto e ala que é Cardoso até às águas temperadas do arquipélago espanhol.

À frente da excursão, nem mais nem menos que o próprio Rui Nabeiro. “O senhor Rui ia sempre à frente, acompanhava-nos em tudo”, recorda Emídio. “Estava sempre por perto, a perguntar se estava tudo bem, ajudava a que também não houvesse cá bebedeiras nem nada, era tudo feito da melhor maneira”, acrescenta outro dos intervenientes, Adelino Cardoso. “O espírito de camaradagem, de empresa familiar, onde todos se conhecem e todos se ajudam, da administração aos empregados de armazém, é fomentado nestas ocasiões, abrilhantadas por diversos espectáculos organizados pelos próprios trabalhadores da Delta.



OS IRMÃOS IVAN E MARCOS

O ANO DE 1983 começa da melhor maneira para a família Nabeiro. Logo a 3 de janeiro nasce Ivan, filho de Helena, terceiro neto de Rui Nabeiro. Ivan Nabeiro licencia-se em Gestão de Empresas pela Universidade Lusíada e aos 24 anos entra para a Delta. Passa por todas as áreas, da fábrica à administração, e por diferentes departamentos, o que lhe proporciona a compreensão profunda do funcionamento de todas as peças da engrenagem. Faz formações de marketing e vendas, aprende tudo o que há para aprender sobre café no Brasil, e aproxima-se do avô, no dia a dia da empresa, para beber do seu carisma, ensinamentos e influência. Hoje é um dos administradores da empresa, e, tal como os primos Rita e Rui Miguel, voz ativa da nova geração, a quem caberá assegurar o legado de Rui Nabeiro.

O ano em que a Delta abre o seu primeiro departamento internacional, em Badajoz, é também um ano de crescimento para a família Nabeiro. A 1 de junho de 1986 nasce Marcos Nabeiro Tenório, filho de Helena, irmão de Ivan, neto de Rui Nabeiro.

Ao contrário do irmão e dos primos, Marcos não seguiu as pisadas profissionais do avô Rui - antes as do pai, o grande cavaleiro Joaquim Tenório “Bastinhas”, um dos nomes maiores da tauromaquia nacional, e as do avô paterno, Sebastião Tenório, um grande aficionado e apaixonado pela arte equestre.



EMÍDIO CAMELO, O FIEL MOTORISTA

É UM ANO especial para Portugal. Em fevereiro, nasce Cristiano Ronaldo; em junho, é assinado o acordo de adesão à CEE; e, algures pelo meio, Emídio Caramelo torna-se motorista de Rui Nabeiro.

Caramelo, campomaiorense de corpo e alma, começara na empresa em julho de 1978, como ajudante de camião. Percorrera as estradas e estradinhas do país a levar café aos armazenistas, 10 a 14 toneladas

**EMÍDIO CAMELO COM RUI E ALICE NABEIRO
DURANTE UMA VISITA AO PORTO, NOS ANOS 80.**



de produto divididos em sacos de 60 quilos, que não transportava apenas, também empilhava e desempilhava conforme necessário. “O Emídio era um dos melhores a fazer pilhas de sacos de café. Não havia fitas, faziam-se as pilhas em cima de uns estrados, aquilo tinha de ir completamente direito, ele era muito bom nisso, ia tudo direitinho”, reconhece Adelino Cardoso, responsável da torrefação.

O talento não o safa do serviço militar, porém. Pouco tempo depois de regressar à casa-mãe, Rui Nabeiro propõe-lhe: “Em vez dos camiões, vens andar comigo. Experimentamos uma semana; se nos ambientarmos um ao outro, ficas.”

Ambientaram-se depressa, pese a exigência do patrão. “O senhor Rui tem a sua forma de ser. Exige tanto dele como dos outros. No início, aconteceu combinarmos às oito da manhã, eu chegar 15 minutos adiantado e ele já ter saído com o carro às sete e meia. Tinha de o apanhar na paragem seguinte”, conta. “Hoje já sei que, quando combinamos a uma hora, na verdade é para nos encontrarmos 15 minutos antes.”

Numa das primeiras viagens, Rui Nabeiro pergunta a Emídio se não tem uma gravata. “Eu, gravatas, só na tropa”, recorda a rir-se. “Foi buscar uma ao quarto e fez-me o nó. Deu-me essa gravata e uma quantidade de outras, ao todo o senhor Rui há de me ter dado umas 50 gravatas.” As viagens fazem-se em bom ritmo, várias vezes por semana, em bom ambiente. “Sempre falámos de tudo, o senhor Rui ia trabalhando, tratando de papelada, depois apareceram os telemóveis, também, então ele aproveitava para negociar com os *brokers*.”

Nos últimos anos as viagens foram em menor número. Mas Emídio Caramelo continuou a transportar Rui Nabeiro para onde quer que a sua presença fosse necessária. E a chegar sempre antes da hora combinada.

1990

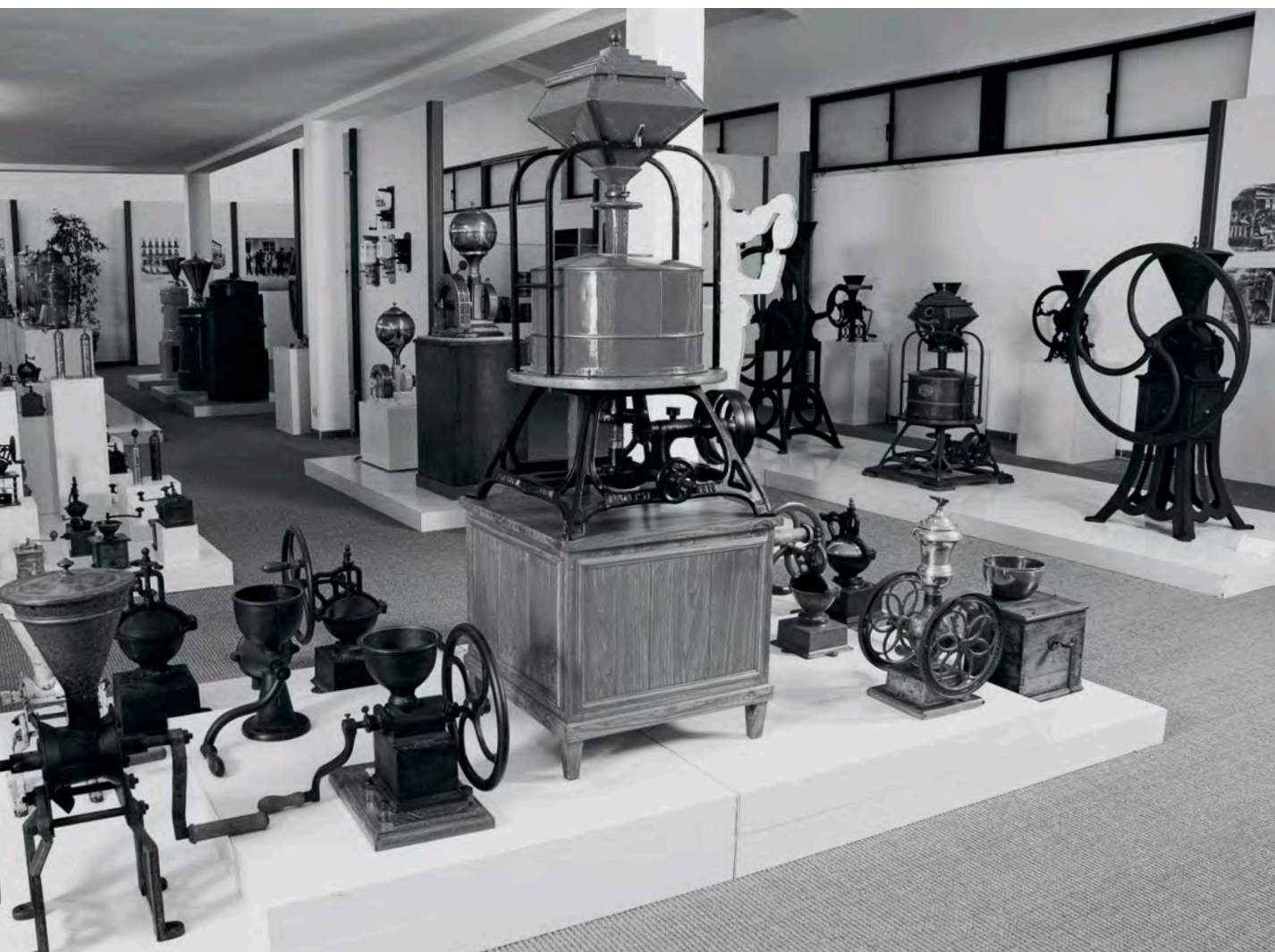
1991

A LIDERANÇA NO CAFÉ E UM MUSEU, PARA MAIS TARDE RECORDAR

33 ANOS DEPOIS do nascimento, a Delta torna-se a marca líder de mercado em Portugal no segmento do café. E para celebrar, nada como mais uma inauguração, que acontece a 21 de dezembro de 1994. Nessa data, abre as portas o Museu do Café, uma ideia antiga de Rui Nabeiro, que fora, com a ajuda da mulher e dos filhos, acumulando um acervo assinalável nesta matéria.

Na Herdade das Argamassas, bem perto da fábrica da Novadelta, passa então a ser possível a qualquer visitante aprender mais não só sobre a origem do café, como a sua

história e importância que teve no mundo, em Portugal, e especificamente em Campo Maior, com o devido destaque, também, para o percurso da própria Delta Cafés. Máquinas, moinhos, chávenas, a primeira bola de torra e o primeiro carro de distribuição do café são então apresentados ao público, que passa a poder ainda visitar uma estufa de cafeeiros e ficar a conhecer os meandros do contrabando do café na primeira metade do século XX, na zona da raia. E quase dez anos mais tarde, a 28 de março de 2014, o museu será integrado no novo Centro de Ciência do Café.



O SENHOR COMENDADOR

PARA A MAIORIA das pessoas que contacta com ele de perto, Rui Nabeiro é o “senhor Rui”, tratado assim, de forma simples, carinhosa e respeitável. Não falta, porém, quem frequentemente acrescente à formulação o título “comendador”. É assim desde pelo menos 9 de junho de 1995, dia em que Rui Nabeiro recebe a primeira distinção do género, pelas mãos do então Presidente da República, e seu velho conhecido, Mário Soares. “Quando me telefonaram da Presidência da República, a perguntar se eu estaria disponível para receber uma comenda, que seria entregue pelo Presidente da República, fiquei felicíssimo”, lembra o visado. O seu mérito empresarial vale-lhe, então, o grau de Comendador da Ordem Civil

do Mérito Agrícola, Industrial e Comercial. E vale-lhe, sobretudo isso, o título - comendador - que ficará para sempre associado ao seu nome. Mais ainda porque, em 2006, receberá nova distinção do género, agora das mãos do Presidente Jorge Sampaio. Desta feita, o grau de Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique.

Duas vezes Comendador, mas com a humildade de sempre: “Lutei sempre para não ter estas honrarias, mas por ter uma posição, uma conquista pessoal. À medida que fui caminhando e que fui redesenhando a minha vida, as coisas foram aparecendo, foram os amigos que se foram lembrando de mim.”

1995

1996



A EXPO'98 E UMA ESTÁTUA

22 DE MAIO DE 1998. Há uma enorme expectativa em torno da inauguração da Expo'98, um impressionante empreendimento que renova toda a zona oriental da cidade de Lisboa. À boleia das comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses, a Expo'98 tem como tema "O Futuro dos Oceanos" e concentra todas as atenções do país.

A Delta não podia deixar de estar presente: é seu o café oficial da Expo'98. Presente em 137 pontos espalhados por todo o recinto, a marca de Campo Maior serve mais de seis milhões de bicas ao longo dos quatro meses que dura o evento. É um momento fundamental para a marca, a fechar uma década de grande crescimento.

Mas 1998 traz mais motivos para celebrar. Em Campo Maior, no final da tarde de 15 de agosto, é descerrada na avenida da Liberdade a estátua de Rui Nabeiro, esculpida em bronze por Laureano Ribatua, uma homenagem que o povo quis prestar a um dos mais destacados filhos da terra. Representa um Rui Nabeiro tranquilo e disponível, e é precisamente dessa vontade de servir o próximo e de ajudar Campo Maior que Rui Nabeiro fala, emocionado, no momento da inauguração.

PLANTAM-SE AS PRIMEIRAS VINHAS

SE O CAFÉ é a vida de Rui Nabeiro, o vinho é uma paixão antiga, cuja memória remonta ao tempo dos seus avós. "Eles eram pessoas do campo e tinham a sua talhazinha. Naquele tempo, toda a gente tinha e vivia um bocadinho a sua terra. Mas o vinho foi desaparecendo", conta. Isto apesar da qualidade invejável do *terroir* campomaiorense. "Esta nossa terra teve sempre condições que muitas outras não tiveram", lembra.

O discurso não engana: ter as suas próprias vinhas era, para Rui Nabeiro, um sonho. Ou, como lhe chama, "um sonho de saudade". Decidido a realizá-lo, põe as mãos na terra. Assim, em 1997, plantam-se as primeiras vinhas do futuro projeto Adega Mayor. Não são, no entanto, plantadas na Herdade das Argamassas, onde viria a nascer a adega desenhada por Siza Vieira, mas antes 15 quilómetros a sul, noutra propriedade, a Herdade da Godinha, junto à fábrica de toldos do Grupo.

E porquê aí? Porque essa zona, localizada perto do rio Caia, que marca a fronteira entre Portugal e Espanha, guardava há muito a fama de ali se produzirem vinhos de excelente qualidade. Naqueles solos, de origem arenosa, plantam-se então 11 hectares de vinha, com castas características do Alentejo: Aragonez, Trincadeira, Castelão e Alicante Bouschet, nos tintos, e, nos brancos, uma mistura de Roupeiro com Arinto.

A restante vinha planta-se três anos depois, já na Herdade das Argamassas, e os primeiros vinhos surgem em 2002. Bem a tempo de concretizar o velho sonho de Rui Nabeiro.



UM CAFÉ POR TIMOR LOROSAE



2000

FOI PELAS TRÊS DA MANHÃ, numa noite de 1999, que Rui Nabeiro recebeu um telefonema de um amigo português a viver em Timor. "Ele pediu-me desculpa pela hora tardia, explicou-me que estava com Xanana Gusmão e que queriam saber se eu podia comprar o café que tinham. Disse-lhe que tinha primeiro de ver o café." As amostras nunca chegariam em tempo útil e Rui Nabeiro sugeriu ir até lá vê-lo. "Ele perguntou-me, incrédulo, se eu era capaz disso. Respondi-lhe que a andar não seria capaz, mas de avião, talvez."

Nessa viagem, Rui Nabeiro encontra um país simultaneamente em tumulto e euforia, depois de mais de duas décadas de ocupação indonésia. O empresário percorre Timor de lés a lés, muitas vezes na companhia de Xanana Gusmão, político e ativista independentista que acabava de ser libertado ao fim de sete anos de prisão política. Apesar da vontade de ajudar, Rui Nabeiro traz consigo pouco café para Portugal, devido às más condições em que os locais o mantinham. Nabeiro não havia de dar aos timorenses peixe, mas sim canas, para que pudessem pescar.

É enviada para Timor uma equipa para incentivar a ação das cooperativas e instituições locais, munindo-as de alguns equipamentos essenciais e do *know-how* necessário para produzir, armazenar e comercializar café de qualidade. A par deste esforço no terreno, que havia de prolongar-se durante os seis anos seguintes, surge no ano de 2000 a campanha "Um café por Timor", que convida os portugueses a contribuírem diretamente para esta causa. Por cada pacote de Café Delta Timor vendido, a marca doa 50 escudos, que revertem para a construção de escolas no país. A resposta do público é inequívoca e a quantia arrecadada acaba por conseguir financiar a construção da Escola Primária Rui Nabeiro, em Fahité, no distrito de Liquiçá, e ainda permite reabilitar as escolas de Gleno, Leorema e Tibar.

A campanha de solidariedade é reconhecida mundialmente em 2003 pelo Social Accountability International, com o prémio Positive Community Impact. O café timorense, orgânico e de características únicas, consegue nos anos seguintes afirmar-se no mercado internacional - continuando a Delta a comprá-lo e comercializá-lo até aos dias de hoje.



“NO INTERIOR DE UMA PAISAGEM BELA E INCÓLUME”

É EM DEZEMBRO de 2004 que o “projeto dos vinhos” começa a ganhar forma, com o convite feito ao arquiteto Siza Vieira para desenhar o espaço que seria inaugurado apenas três anos depois, em 2007. Na primeira adega de autor de Portugal, as linhas simples e depuradas do edifício misturam-se com a planície alentejana em que está inserido. O terreno em volta estende-se ao longo de 350 hectares e, do topo do terraço panorâmico, consegue-se ter perspetiva desta imensidão. Além da vinha e do olival, veem-se a serra de Portalegre e ainda Espanha. “Não é fácil encontrar a oportunidade de construir no interior de uma paisagem bela e incólume”, diz Siza Vieira a respeito da Adega Mayor. “E é também uma enorme responsabilidade.”

Em 2014, Siza é homenageado com um vinho de edição limitada e exclusiva, com rótulos desenhados por si. O Comendador Rui Nabeiro explica, à data, que se trata de um símbolo de amizade pelos “muitos anos a trabalhar juntos na obra da Adega Mayor”. Acrescenta ainda: “o arquiteto é uma pessoa extraordinária, que tem o seu capricho, como eu também tenho, mas soubemos sempre conversar e respeitar o capricho um do outro até nos tornarmos amigos”.

(O ENORME) CORAÇÃO DELTA

FOI EM JEITO de homenagem a Rui Nabeiro que, ainda em 2002, um grupo de colaboradores da Delta criou Um Coração Chamado Delta. O projeto, que intervinha diretamente na comunidade através do voluntariado, lançou o mote para que, a 31 de janeiro de 2005, nascesse o Coração Delta.

Criado com o intuito de desenvolver projetos que respondam às necessidades da comunidade de Campo Maior, o Coração Delta - Associação de Solidariedade Social do Grupo Nabeiro - vai crescendo nos anos seguintes, e, como qualquer bom coração, expande-se para criar espaço para todos. As iniciativas chegam a crianças, adolescentes, jovens adultos e idosos.

A intervenção junto dos mais pequenos é feita através do Centro Educativo Alice Nabeiro (CEAN), fundado em 2007, que apoia atualmente 180 crianças, ajudando-as a materializar os seus sonhos. O trabalho começa na Sala Mágica (destinada aos alunos do pré-escolar) e estende-se ao Centro de Talentos (em regime ATL), sem esquecer o manual de empreendedorismo para crianças e educadores *Ter Ideias para Mudar o Mundo* (2008), implementado em escolas de norte a sul do país e reconhecido em 2013 como um projeto inovador pela União Europeia.

Soma-se o acompanhamento dado a jovens adultos através do Promove-te, um programa de cinco meses que impulsiona a valorização de competências e a entrada no mercado de trabalho. Há também serviços de apoio ao desenvolvimento de jovens com dificuldades acrescidas, contando com profissionais como terapeutas da fala ou psicólogos.

O Coração Delta trabalha ainda com idosos, através do programa Tempo Para Dar. Com intervenções ao domicílio, quebra-se a solidão e melhora-se a qualidade de vida de cada utente, adaptando as suas casas às necessidades, fazendo pequenas reparações ou dando apoios para medicamentos ou alimentação.

“10 PASSOS PARA CHEGAR AO TOPO”



“NÃO É QUEM É MAIS VELHO, nem quem tem mais equipamento, nem quem é mais bonito. No alpinismo, como na vida, só atinge o cume quem se esforça.” A lição é de João Garcia e lança o mote para *10 Passos para Chegar ao Topo*, um livro escrito a quatro mãos, numa parceria entre João Garcia e Rui Nabeiro.

O convite surge da própria editora Caderno, que desafia o empresário alentejano a juntar-se ao alpinista lisboeta nesta aventura. “Para mim foi uma novidade, foi um desafio”, diz Rui Nabeiro ao *Expresso*. “Não tenho nenhuma preparação para escrever um livro. Limitei-me a deitar para fora o meu carinho, a minha vontade e a minha experiência.”

Ao longo de 207 páginas, esta dupla improvável transmite ensinamentos e histórias práticas que dão a conhecer os 10 passos essenciais para se ser bem-sucedido - seja no alpinismo, seja nos negócios. E apesar das claras diferenças entre as áreas de especialidade, em nove dos dez pontos as perspetivas dos autores coincidem na perfeição, recaindo a divergência apenas no “peso” que se leva na “mochila”. João Garcia explica: “Sou apologista de que, numa expedição, tenho de aligeirar a minha logística, e este senhor ao meu lado tem a sua visão, muito humanista, de que o valor está nas pessoas, de que o capital humano é o seu melhor ativo.”

APESAR DE AMBOS TEREM UMA GRANDE ADMIRAÇÃO PELO PERCURSO UM DO OUTRO, JOÃO GARCIA E RUI NABEIRO NÃO SE CONHECIAM ANTES DE SURTIR ESTE DESAFIO CONJUNTO POR PARTE DA EDITORA CADERNO.

DELTA Q LEVANTA PÓ E VENCE NO DAKAR

“ESTOU CERTO de que com esta equipa estaremos no caminho da vitória.” Quem o diz é Rui Nabeiro a 7 de outubro de 2011, dia em que a Delta Q apresenta oficialmente a equipa que há de levar ao Dakar 2012 - e com a qual alcança o lugar mais alto do pódio.

A apresentação tem lugar na Herdade das Argamassas, em Campo Maior, e deixa no ar, além de pó, muito entusiasmo. Tanto que até Ivan e Rui Miguel Nabeiro se equipam a rigor para umas voltas de pura adrenalina no Mini All4 Racing. Mas as exposições do dia são mesmo as dos pilotos Stéphane Peterhansel (francês), Ricardo Leal dos Santos (português) e Nani Roma (espanhol), apresentados como “altamente competitivos e ambiciosos” por Rui Miguel Nabeiro.

O CEO da Delta Cafés acrescenta ainda que patrocinar a equipa X-Raid, “que fala português, mas é internacional”, é levar a marca mais longe e apostar na sua internacionalização. “Provavelmente será a primeira vez que uma marca portuguesa estará no pódio desta competição.” Assim acontece.

O Dakar decorre entre 1 e 15 de janeiro de 2012, na Argentina, no Chile e no Peru, e a Delta Q torna-se a primeira marca portuguesa a vencer a competição na qualidade de patrocinadora oficial da equipa X-Raid. O líder do trio, Stéphane Peterhansel, ocupa o primeiro lugar do pódio - enquanto Nani Roma fica em segundo e Ricardo Leal dos Santos em oitavo. Os resultados garantem exposição pública à Delta nos 190 países que acompanham a prova através da televisão.



A INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE CIÊNCIA DO CAFÉ

É NO DIA do 83.º aniversário de Rui Nabeiro, a 28 de março de 2014, que o antigo Museu do Café dá lugar ao novo Centro de Ciência do Café (CCC), que demoraria apenas um ano até ser distinguido com o Prémio Museu Português, atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia.

O novo Centro de Ciência do Café surge como uma unidade de interpretação, divulgação científica e tecnológica, e ainda promoção turística da Delta Cafés, com o objetivo assumido de se tornar uma referência nas áreas de desenvolvimento científico, tecnológico, educacional, turístico e cultural.

Situado na Herdade das Argamassas, o edifício tem uma área total de 3426 metros quadrados, divididos entre dois andares organizados em diferentes áreas de exposições, um auditório, uma loja e, como não podia deixar de ser, uma cafetaria. Os visitantes são convidados a percorrer a história, a cultura e a ciência do café, da planta à chávena, numa viagem interativa que dá a conhecer o acervo da Delta e o seu património cultural.

A AVENIDA MANUEL RUI NABEIRO, EM BADAJOZ

A 17 DE NOVEMBRO DE 2016, a cidade espanhola de Badajoz homenageia o fundador da Delta inaugurando a “Avenida de Manuel Rui Nabeiro (28 de março de 1931), empresário ibérico”, como se lê na placa que identifica a via.

De acordo com a agência noticiosa espanhola EFE, além do contributo nas relações económicas e comerciais transfronteiriças, o “empresário português beneficiou Badajoz por ter decidido localizar a filial espanhola do grupo Cafés Delta nesta cidade”. Na cerimónia de inauguração, o

autarca de Badajoz, Francisco Javier Frago, destacou o grande número de famílias das localidades portuguesas de Elvas e Campo Maior (distrito de Portalegre), assim como da cidade de Badajoz, que encontraram trabalho no grupo empresarial.

Neste sentido, a cidade espanhola de Badajoz decidiu dar o nome de Manuel Rui Nabeiro a uma das avenidas junto ao recinto onde se realiza a feira hispânico-portuguesa FEHISPOR. “O objetivo é que, quando os empresários vierem aos eventos, vejam o nome de um empresário que Badajoz considera daqui.” Já Rui Nabeiro, que assumiu sentir “orgulho” e “felicidade” pelo reconhecimento, disse na ocasião considerar-se em “dívida” para com a cidade espanhola, pelo que responderá “dia a dia” a esta homenagem.



2021

A CHAVE DA CIDADE E UM HONORIS CAUSA

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
AMÍLCAR FALCÃO, ATRIBUIU O DOUTORAMENTO
HONORIS CAUSA A RUI NABEIRO EM 2020.

O COMENDADOR Rui Nabeiro marcou Portugal com as suas qualidades humanas e empresariais, e o país agradeceu-lhe com distinções, prémios, louvores e homenagens. Ao grau de comendador atribuído em 1999, seguiu-se o Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Évora, em 2006. E se dúvidas houvesse quanto ao alcance do impacto de Rui Nabeiro, em 2009 o Rei de Espanha, Juan Carlos, clarificou-as concedendo-lhe uma das maiores distinções do país vizinho: a Comenda da Ordem de Isabel a Católica. Passados dois anos, foi nomeado cônsul honorário de Espanha em Elvas e agraciado com a Medalha da Extremadura.

A coleção de distinções continuou. Em 2021, no 90.º aniversário de Rui Nabeiro, a Câmara Municipal de Coimbra concedeu-lhe a Medalha da Cidade de Coimbra, a Câmara Municipal de Lisboa agraciou-o com a Medalha de Honra da Cidade de Lisboa e Vila Nova de Gaia entregou-lhe a Chave da Cidade.

A 8 de junho de 2022 chegou a “mais elevada distinção por uma universidade portuguesa, destinada a cidadãos de indiscutível mérito profissional e de qualidades humanas que constituem uma referência inspiradora para toda a sociedade”. Foi o dia em que Rui Nabeiro recebeu o Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra. “O momento é de emoção. Revejo pessoas que marcaram a minha vida para sempre”, disse na ocasião, dirigindo palavras de gratidão aos seus pais, à família, amigos, conterrâneos e trabalhadores do grupo Delta. Esta distinção “foi um sonho” que nunca lhe “passou pela cabeça” desde a infância, na vila de Campo Maior, no Alto Alentejo.



O GLOBO DE OURO

QUANDO, a 2 de outubro de 2022, o Coliseu dos Recreios se aperaltou para uma das galas mais mediáticas do ano - a XXVI Gala dos Globos de Ouro -, um dos destaques da noite acabou por ser o Prémio Mérito e Excelência atribuído a Rui Nabeiro.

O galardão foi entregue por Francisco Pinto Balsemão, que frisou o “espírito empreendedor, profissionalismo e dedicação ao próximo” do empresário, bem como a sua “verdadeira liderança, uma liderança que inspira aos 91 anos”.

2023

“NESTE PERÍODO DE
PANDEMIA, DISSEMOS
A TODOS OS NOSSOS
CLIENTES QUE, SE HOUVER
ALGUM PROBLEMA, NÓS
ESTAMOS CÁ. UM PROBLEMA
DELES É TAMBÉM UM
PROBLEMA NOSSO.
UM CLIENTE É UM
AMIGO. ESTA É A
MINHA MENTALIDADE
E É A MENTALIDADE
DE TODOS OS MEUS.”

PAISAGENS

TEXTO JOSÉ LUÍS PEIXOTO

EM SILÊNCIO

UM TEXTO ORIGINAL DO AUTOR DE *ALMOÇO DE DOMINGO*, ROMANCE BIOGRÁFICO ESCRITO A PARTIR DE CONVERSAS QUE JOSÉ LUÍS PEIXOTO TEVE COM RUI NABEIRO SOBRE A SUA VIDA E O ALENTEJO DE AMBOS.

NESTE preciso momento, existem paisagens em silêncio. Estamos aqui, rodeados por estas palavras, mas sabemos que elas estão lá, podemos imaginá-las, são habitadas por sobreiros enormes, oliveiras antigas, tempo que existe desde sempre e para sempre. Quem estiver diante dessas paisagens, a prestar atenção ao solene de tal grandeza, estará em silêncio, como a própria paisagem que contempla. A verdade da terra é transmitida aos que a amam e que, assim, se transformam nela.

Também por isso, o Alentejo não é apenas o campo, o contorno das árvores no fim das tardes de verão, um monte lá ao fundo, como não é apenas as ruas da vila, as paredes brancas de cal. Às vezes, o Alentejo é uma voz, o timbre dessa voz, mas também uma maneira de dizer, que nasce de uma maneira de pensar, que nasce de uma maneira de entender o mundo, a raiz da raiz da raiz. Às vezes, o Alentejo é um olhar, uma pausa entre palavras, uma pausa medida, escolhida, com fronteiras precisas, uma forma de moldar o tempo, tanto o que passa dentro de nós, como o que nos envolve. Nesse olhar, existe sempre a franqueza.

Logo na primeira vez que estive na sua presença, soube que o Alentejo era inseparável de Rui Nabeiro. Na infância, início da adolescência, eu vinha a

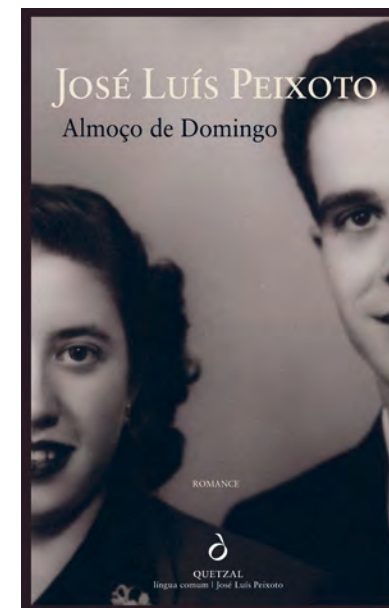
Campo Maior para participar nas finais distritais de atletismo. Tinha dez, doze, catorze anos, estava de calções, tinha um número preso por alfinetes na camisola de alças, e lembro-me do impacto de vê-lo, o bigode, o sorriso, as pessoas a falarem dele com extrema consideração. Depois disso, ao longo dos anos, ao longe, fui sabendo que o Alentejo era inseparável de Rui Nabeiro em tudo o que lia ou ouvia dizer sobre ele. Mas perdi todas as dúvidas há pouco tempo,

há poucos anos, quando ficámos frente a frente, quando pude conversar com ele.

Sinto como um privilégio na vida a oportunidade de escutá-lo, de receber o que tinha para me dizer, de aprender com ele. Da mesma maneira, vejo agora que foi um prémio essa busca de palavras para descrever tudo o que me contou, as horas que passei a imaginar aqueles momentos. Agora,

no tempo que passa sobre esse, instante a instante, parece-me que, ao conversar com Rui Nabeiro, conversei com o próprio Alentejo, com esta terra.

Sim, enquanto estamos aqui, existem paisagens em silêncio, podemos imaginá-las, sobreiros, oliveiras, desde sempre, para sempre. Houve um tempo em que estivemos diante dessas paisagens, também nós em silêncio. Amámos essa terra, assim recebemos a sua verdade, assim nos transformámos nela.



"AGORA, NO TEMPO QUE PASSA SOBRE ESSE, INSTANTE A INSTANTE, PARECE-ME QUE, AO CONVERSAR COM RUI NABEIRO, CONVERSEI COM O PRÓPRIO ALENTEJO, COM ESTA TERRA."

“NUNCA DIGO
A NINGUÉM
QUE NÃO.
UM ‘NÃO’,
PARA QUEM ESTÁ
ANGUSTIADO,
É MUITO DURO”





O COMENDADOR RUI NABEIRO JÁ DEU CENTENAS DE ENTREVISTAS AO LONGO DA VIDA. MAS NUNCA TINHA SIDO ENTREVISTADO PELA PRÓPRIA NETA. FORAM MAIS DE DUAS HORAS DE CONVERSA DIVIDIDA ENTRE OS ESCRITÓRIOS DA DELTA E A CASA DE ALICE E MANUEL RUI NABEIRO, MESMO DO OUTRO LADO DA RUA, EM CAMPO MAIOR. ÀS MUITAS PERGUNTAS QUE LEVAVA PARA FAZER AO AVÔ, RITA NABEIRO FOI ACRESCENTANDO TODAS AS DE QUE SE FOI LEMBRANDO – ATÉ AS MAIS DIFÍCEIS. RECUPERAMOS AQUI ESSA ENTREVISTA, PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2020, NA PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA DDD – D DE DELTA.

É a primeira vez que conversamos com um gravador à frente. Deixa-me começar por te perguntar: o que é que esperas desta entrevista? O que espero é que traga algum ensinamento de parte a parte. Encaro com muita naturalidade falarmos de nós: eu poder falar de ti, e tu dizeres o que pensas do avô. É uma coisa maravilhosa. É uma mudança para acompanhar o mundo que está a mudar.

Em 89 anos de vida viste muito. Dizes que o mundo está a mudar. Em quê? O mundo mudou, realmente, e mudou mais ainda para nós que somos do interior. A diferença é enorme: o conhecimento chegou aqui e atualmente o interior está à altura do litoral. Mas ainda é preciso mais, continua a haver esquecimento em relação aos que vivem abaixo dos outros. É um termo que não gostaria de aplicar, mas é o termo certo: há quem viva ainda abaixo dos outros. Nos anos 40, tinha eu nove ou dez aninhos, não existia aqui no Alentejo vida para viver. Existia vida de passar o tempo trabalhando e lutando, sempre para alguém que não nos reconhecia. Hoje isso não acontece assim, há uma melhoria extraordinária. As pessoas mais humildes aqui de Campo Maior trabalham, mas também vivem. A maior mudança é esta: começámos a ser mais humanos.

Em Campo Maior estamos muito próximos da fronteira. Como foi viver aquele período conturbado da história de Espanha, nos anos da guerra civil? [NA: a guerra civil espanhola teve início em 1936 e terminou em 1939, quando Rui Nabeiro tinha oito anos.] Da guerra civil espanhola, lembro-me bem de ver as pessoas que andavam fugidas serem presas e metidas ali na esquadra da polícia, e depois serem levadas à noite num camião para a praça de touros de Badajoz. [NA: em agosto de 1936, após a derrota das forças republicanas na Batalha de Badajoz, as tropas nacionalistas do general Franco executaram milhares de pessoas na cidade, naquilo que ficou conhecido como o Massacre de Badajoz.] Nós ouvíamos os gritos das pessoas, tanto das que estavam presas como das que estavam de roda do recinto a gritar pelos seus, que quando desciam dali era para serem convidados ao suicídio. Mesmo sendo uma criança, assistir àquilo marcou-me. Tenho aqueles sentimentos cá dentro. E foram difíceis também os anos do pós-Guerra. Nos anos 40, em Campo Maior, as pessoas viviam voltadas para Espanha, portanto, nesse período viu-se a maior miséria de todos os tempos: não havia trabalho, nem comer, nem coisa nenhuma. Como é que aparece a comida? Aparece com o tio Joaquim, que montou umas barracas ao longo da fronteira, e ali vendia açúcar, massa, arroz, feijão... Ali fez vida e foi notado.

“FIZ-ME HOMEM NA SOMBRA DO MEU TIO JOAQUIM”

Falas muitas vezes do tio Joaquim. Qual foi o papel dele no teu percurso? Nasci, cresci e fiz-me homem na sombra do meu tio Joaquim. Deixou-me trabalhar e deixou-me ter ambição. A vida é bonita quando as pessoas têm ambição. Aqui há uns anos, a ambição era vista como um defeito, mas não, é uma virtude. O que é preciso é que essa ambição não seja individualista, mas sim virada para a comunidade. O meu tio Joaquim foi um homem de audácia que, quase analfabeto, aprendeu sozinho a escrever o seu nome. Era um homem inteligente e trabalhador. Éramos muito diferentes por uma razão: ele sentia menos do que eu. Ainda jovem, eu dava-lhe algumas lições. Ele queria sempre mais das pessoas, e eu, com 15 ou 16 aninhos, já lhe dizia: “Chega.” Uma vez, disse-me: “Quem manda aqui sou eu.” E eu: “Não estou a mandar, estou a dar um conselho.” Ele tinha uma tal ambição de trabalhar, de lutar, de conquistar... Mas é preciso saber conquistar, e ele às vezes não sabia. Quando havia alguém que nos dificultava o trabalho, o tio ficava irritado. E eu dizia: “Não, vamos conquistar o homem, vamos falar com ele e trocar impressões, ele há de gostar de nós e nós dele.” E foi sempre assim.

Tu demonstraste desde pequeno qualidades de liderança. A bisavó, tua mãe, dizia sobre ti: “O Rui faz.” Aprende-se a ser líder ou nasce-se com essa capacidade? Tenho dificuldade em dizer que é de uma forma ou de outra. É excelente poder-se estudar, mas um líder que não tenha estudos é capaz de liderar, enquanto alguém que tenha estudado liderança precisa igualmente de ter em si uma herança familiar que lhe tenha transmitido o que significa ser líder. Foi o que me aconteceu a mim. As carências que eu via despertavam-me a vontade de ajudar, porque com a minha quarta classe já podia dar alguma formação a quem mal sabia assinar o próprio nome. O meu pai, o bisavô, aprendeu na tropa a escrever o seu nome; mas ficou logo ali comprometido com um coronel que não lhe facilitava a vida, teve de ir trabalhar fora, era motorista, e levou um monte de anos com uma vida de sacrifício, tanto que nós mal o víamos. Essas circunstâncias fizeram-me ganhar capacidades de liderança, porque em casa estava a bisavó, primeiro com cinco, e depois com quatro filhos pequenos. Éramos dois rapazes e duas raparigas, todos fizemos o nosso caminho. O tio António foi trabalhar como empregado dos outros: foi ajudante de merceiro e de sapateiro. E o que é que eu queria ser? Empregado, não queria! Não queria porque realmente via que

o tio António era aprendiz de sapateiro, mas não ganhava nada. O próprio patrão recebia pouco e não tinha nada para lhe dar. E eu tinha um bocado de ambição pelo dinheiro. E tenho. Portanto, fui cavar para dentro da fábrica do tio Joaquim. Deixaram-me cavar e cavei.

É curioso que tenhas passado a infância a trabalhar e que depois acabes por criar o Centro Educativo [Alice Nabeiro], onde dás oportunidade a muitas crianças para brincarem. Querias dar-lhes uma oportunidade que não tiveste? Essa é uma das razões. Se eu não tivesse começado quase de criança a ter tantas responsabilidades... Quem chegou à quarta classe também chegava mais à frente. Agora, uma pessoa que tem o que lhe faz falta, como eu tenho, não tem o direito de dizer: “Se eu tivesse estudado mais...” Não, eu estou tão agradecido à providência! Espero que a nossa empresa seja sempre melhor e maior, isso é uma ambição normal; mas, se com a quarta classe consegui chegar até aqui, só tenho de estar feliz. O Centro já tem dez anos e não havia nada do género em Campo Maior. Isto foi motivado por um querer, uma ambição de fazer melhor e de esbater as diferenças entre classes, porque a vida é dura para muita gente. Em Campo Maior, uma grande parte das pessoas está a viver razoavelmente bem, se bem que há ainda casos... Casos esses a que vamos dando um toquezinho. Mas mesmo as pessoas mais humildes estão razoavelmente bem. Foi com isso que sonhámos, nós todos.

“A PESSOA QUE É HUMILDE OUVI E REGISTA”

Apoias muitas causas e muitas pessoas. Como é que decides a quem dás ajuda? Eu própria já recebo muitos pedidos de ajuda e nem sempre é fácil. Uma coisa que o avô faz é nunca dizer a ninguém que não. Às vezes, isso traz-me amarguras, mas é o melhor conselho que te posso dar: nunca dizer que não. Algumas vezes as coisas acabam por nem chegar a acontecer, mas um não, para quem está angustiado, é muito duro. “Apareça cá, que a gente depois fala” é um sinal de esperança, e a esperança é a coisa mais bonita que pode haver no mundo. É o conselho que te posso dar. É rápida a resposta, mas...

...Mas é boa. Em conversa com o Emídio, o motorista, soube de uma pessoa que te vinha pedir dinheiro. Um dia chegaste ao pé do Emídio e disseste: “já ganhei dinheiro hoje”. Lembras-te disso? Ah, sim, é verdade! Era um tipo a quem não podia dizer que não, vamos lá ver, já me tinha dado muitas provas

de amizade. Na altura era muito dinheiro, eram 100 mil escudos, e ele veio falar comigo muito aflito. Eu dei-lhos, e quando cheguei ao pé do motorista, disse: “Bom dia que tivemos hoje, já ganhei 100 contos!”. Eu estava à espera de que ele me pedisse 200, e afinal só me pediu 100. Ganhei o dia! *[Muitos risos.]*

Que valores são mais importantes num líder?

A minha forma de liderar consiste em conquistar as pessoas naturalmente. Não é comprando, nem dificultando. É conseguindo que as pessoas nos reconheçam com amizade. Isso conquista-se pela nossa atitude, por saber estar na vida e saber ver como o outro nos lê. O avô tem tido a felicidade de liderar assim.

Como foram os primeiros tempos a bater a portas e a ouvir “nãos”? Quando ainda ninguém sabia quem era o Rui Nabeiro?

“Nãos” ouvi muitos, mas nunca desisti. Tinha era de pensar como é que fazia a concorrência e como é que eu havia de fazer. Foi assim que mudei o sistema de comércio: percebendo que a concorrência não se deslocava até aos clientes, não lhes dava assistência nem crédito. Eu estudei aquilo tudo e percebi que havia ali uma falha. Aos poucos, começámos a vender porque facilitávamos o crédito, as máquinas, as entregas do produto eram à porta de casa... Se deu prejuízo? Deu. Mas depois deu dinheiro. Um desses dias, um deles [da concorrência] disse: “olha que o Nabeiro está a caminhar” e o outro respondeu-lhe: “não, esse é do Alentejo, esse anda devagar”. Mas quando se foram a benzer, já estavam benzidos. Já tinha ficado algum dinheiro pelo caminho.


Como foi o momento em que decidiste abrir o teu próprio negócio? Comecei a construir a Delta nos anos 60. Na Camelo olhávamos para o mercado espanhol com incerteza, porque as situações políticas dos nossos países eram instáveis. E eu queria ser independente, tinha mais sonhos. Nunca deixei a Camelo, levantava-me às quatro da manhã para trabalhar do outro lado. Mas não há dúvida nenhuma de que quando uma pessoa acredita que é capaz de fazer, pois faz. É assim, seja em que negócio for.

De onde tiravas as ideias? Sonhava-as. E nunca ficava em casa. Onde quer que houvesse uma feirinha ou coisa parecida, eu caminhava para lá: Paris, Milão, Alemanha, Espanha. Vi muitas coisas no exterior que trouxe depois para cá. As ideias também nascem daí, de ver muitas coisas e falar com muita gente. A pessoa que é humilde ouve e regista, tanto que eu ando sempre com um papelinho para apontar.

“A MINHA FORMA DE LIDERAR CONSISTE EM CONQUISTAR AS PESSOAS NATURALMENTE. NÃO É COMPRANDO, NEM DIFICULTANDO. É CONSEGUINDO QUE AS PESSOAS NOS RECONHEÇAM COM AMIZADE. ISSO CONQUISTA-SE PELA NOSSA ATITUDE, POR SABER ESTAR NA VIDA E SABER VER COMO O OUTRO NOS LÊ.”

O SONHO DE FAZER VINHO COMEÇA A CUMPRIR-SE EM 1997, QUANDO SÃO PLANTADAS AS PRIMEIRAS VINHAS DO FUTURO PROJETO DA ADEGA MAYOR.





“PARA TRABALHAR BEM É PRECISO TER VISÃO
E SER LIVRE. PARA SER LIVRE É PRECISO CRIAR
UM INSTRUMENTO QUE FUNCIONE MELHOR.
PORQUE SE SOMOS GRANDES NUMA COISA,
PODEMOS SER MAIORES NOUTRA – PODEMOS
CHAMAR-LHE ‘MAYORES’.”

“ESTA HERANÇA OBRIGA A UMA ATITUDE FIRME, RIGOROSA, FORTE E CORAJOSA, PARA NÃO SE PERDER O ESPAÇO QUE TIVEMOS A SORTE DE TER. PARA ISSO, É PRECISO PENSARMOS E FALARMOS. VOCÊS FICAM RESPONSABILIZADOS POR MANTER O QUE HÁ E CRESCER TODOS OS DIAS.”

A PRIMEIRA ADEGA DE AUTOR EM PORTUGAL, A DA ADEGA MAYOR, TEM A ASSINATURA DO CONCEITUADO ARQUITETO ÁLVARO SIZA VIEIRA.



E és conhecido por deixar *post-its* por todo o lado. É a minha doença de tomar notas, mas notas que depois têm seguimento. Se abrir o meu bloco, há muitos papelinhos. Olha, aqui estão eles! *[Risos.]*

E além do bloco e dos *post-its*, usas o relógio e o iPad. Como vês o avanço da tecnologia? A grande evolução que vemos hoje aconteceu nas últimas décadas, nós é que não demos conta da rapidez do avanço tecnológico. O Homem só tem a beneficiar. Robôs já nós temos há muitos anos e nunca retirámos por isso nenhum posto de trabalho; pelo contrário, aumentámos os postos de trabalho. A tecnologia serve para valorizar as pessoas e para atingir novos níveis de perfeição. A década de 2020 será grandiosa, mas a de 2030 será mais ainda, e por aí fora.

Algum dia pensaste em reformar-te? Eu sei a resposta, mas... Nunca, reformar-me seria tornar-me inútil. Serei inútil quando cá não estiver. Agora, se Deus me der alguma falta de motivação ou de saúde, isso já não está nas minhas mãos. Se estiver nas minhas mãos, trabalho e dou espaço para trabalhar. Posso aconselhar, mas não dificulto; estou na minha casa, mas sei estar na minha casa. Agora dei mais espaço ao [teu] pai e a todos vós, não é verdade? Mas continuo a vir trabalhar, vivo aqui a dez metros, é só atravessar a rua. Começo cedinho e sempre a funcionar com a mesma ambição.

“COMECEI A NAMORAR COM A TUA AVÓ COM 9 OU 10 ANINHOS. E FOI ATÉ HOJE”

Como conhecestes a avó Alice? Conhecemo-nos na escola primária, na quarta classe. Não havia turmas mistas, mas uns professores modernos fizeram aquele cambalacho, e foi com 9 ou 10 aninhos que começámos a namorar, aliás, a dizer que namorávamos! E foi até hoje. Já fazemos 67 anos de casados. Fui um privilegiado. Ela agora está doentinha e eu tenho a obrigação de não a largar e de estar o máximo de tempo possível com ela. Ela era uma companheira a sério, completava-me a vida. E soubemos sempre respeitar-nos.

Além de conheceres a avó na escola, conhecestes também o teu sogro... Ah, sim! É verdade! O meu sogro precisava de fazer a quarta classe, que não tinha, para poder entrar nos quadros da empresa, então lá veio ele para a minha carteira. É assim uma história muito grande, nunca mais acaba! Ficámos mesmo com amizade.

Achas que tens mais ou menos proximidade conosco, filhos e netos, do que tinhas com os teus pais e avós? Eu trato-te por tu, por exemplo, o que há uns anos podia ser visto como falta de respeito. Como vês estas mudanças? Nunca tratei os meus pais por tu porque ninguém tratava, mas havia carinho. Hoje em dia, os meus filhos dizem “o pai”, que não é peixe nem é carne, e vocês tratam o avô por tu. São as duas coisas assim mescladas, como dizem os espanhóis. Havendo sinceridade entre as partes, não é menos saudável. Porque realmente há troca de intimidade, de proximidade.

Lembro-me de a tia Helena uma vez dizer que tinha uma irmã que era a Delta. Achas que às vezes deste mais atenção a um filho do que aos outros? Imagino que esta seja uma pergunta difícil... Não é difícil, até gosto dessa pergunta. Realmente, fica muito bem gostar mais da Delta, porque ela deu-nos bem-estar a todos. De qualquer forma, não fico bem com a minha consciência dizendo que é uma coisa, quando a outra também o permitiu. Nós temos todos de venerar a Delta. Posso dar-me o privilégio de responder “Delta”, porque vocês a veneram em conjunto comigo. No fundo, queremos-nos todos à mesma, da mesma forma. De maneira que a pergunta foi fácil.

Estava à espera dessa resposta. Há ainda algum projeto que sonhes fazer? Ou que queiras deixar-nos encarregados de fazer? Para mim, o fim nunca é fim. É fim para quem vai andando, mas é princípio para quem começa. Eu tenho ambição para mais, mas o tempo não me permite e tenho de ter consciência disso. Nos últimos três anos, sonho fazer, mas deixo fazer. É esse o caminho de quem quer ficar em saudade na família. O avô tem esta tranquilidade toda a falar e fala sempre com carinho e atitude: o trabalho, neste momento, já não é meu; a minha ambição deve empurrar, mas não deve liderar. Devo deixar que os outros sejam líderes.

Tens sempre um jeito para responder sem me responder. Não queres partilhar qual era o projeto? Tenho aí um projeto, mas queria vivê-lo em vida e a gente nunca sabe, com os anos que eu tenho. Tenho um espaço ali em frente ao hotel para fazer o meu espólio, que é maravilhoso. Esse é um daqueles projetos que está na minha mente. Temos ali milhares de coisas para escolher e para deixar à nossa terra.

No outro dia revisei um livro em que, a dada altura, falavas do projeto dos vinhos. Tenho de puxar a brasa a esta sardinha... Aquilo já deve ter uns 10 anos. Dizias que eu já estava

a trabalhar contigo e que vinha do marketing e da comunicação. Dizias: “eu digo-lhe que sim, mas que, para se fazer, tem de ser bem feito”. Explicavas que a área do vinho não estava ligada à nossa, a do café, e que tinhas decidido aventurar-te rodeando-te das pessoas certas. Olhando para trás, farias alguma coisa diferente neste projeto? Ou não o farias? De forma nenhuma, pelo contrário. Fazemos sempre mais naquilo que pudermos. Naquela altura, já havia muito vinho e este era apenas mais um que aparecia. Mas o mundo do vinho ganhou com a nossa presença. Se não quisermos dizer isto, que pode ser um bocadinho duro, então eu digo que, se fosse hoje, fazia igual. E talvez fizesse melhor. A segunda fase, que lá estava desenhada, já estaria feita!

**“CRIAMOS RIQUEZA
EM MUITOS SÍTIOS.
TEMOS A OBRIGAÇÃO DE
NOS APERFEIÇOARMOS”**

Há alguma pergunta que me queiras tu fazer a mim? Uma vez que estamos a falar em vinho e que o avô abriu caminhos e pôs neles outras pessoas a caminhar... Para trabalhar bem é preciso ter visão e ser livre. Para ser livre é preciso criar um instrumento que funcione melhor. Porque se somos grandes numa coisa, podemos ser maiores noutra - podemos chamar-lhe “maiores”. Esta é uma questão, em que é a Adega Mayor que está em causa. Precisamos que cresça e que ali se faça algo mais. Outra pergunta é que, dado que temos todos uma boa relação e que estamos unidos, queria que, a cada dia, tivéssemos uma união ainda maior e pudéssemos fazer disto um exemplo para o futuro. Porque a nossa empresa, e não é por vaidade que o digo, é uma referência a nível nacional. Criamos riqueza em muitos sítios e, por isso, temos a obrigação de nos aperfeiçoarmos. E conversas como esta - que é para um trabalho, mas que no fundo serve para que possamos conversar - são importantes. Temos de fazer melhor, mas com a união acima de tudo, porque só assim chegamos longe.

Se estou a trabalhar aqui hoje, com a família, em grande parte devo-to a ti. Eu sei que ao início tu me olhavas com estranheza, sobretudo quando me vias chegar de ténis - e ainda hoje tenho uns sapatos esquisitos. E o facto de vir de uma área completamente diferente, ao princípio, fazia-nos sentir que não tinha o conhecimento necessário. Isso ninguém tem antes de começar, não é?

O que me levou a vir trabalhar com a família foi poder aprender contigo, com esse teu lado humano. Para mim, esta empresa, perdendo os seus valores essenciais, deixa de ser o que é. Agora, obviamente, há coisas que temos de sonhar e acrescentar, como dizes e bem. Vamos a outra pergunta. Lembro-me de ser pequenina e de a fábrica estar a ser construída. Lembro-me de que, no sítio onde hoje é a fábrica, estava um monte tradicional alentejano. Eu nunca imaginaria que aquilo seria o que agora é. Hoje em dia, os teus bisnetos já têm 11 anos e qualquer dia já estão crescidos... Eu sei que tu não gostas de responder a estas questões... Diz lá. Eu respondo a tudo!

É que tu vais dizer: “isso agora é para vocês”. Mas como é que tu imaginas a Delta daqui a 50 anos? Esta herança obriga a uma atitude firme, rigorosa, forte e corajosa, para não se perder o espaço que tivemos a sorte de ter. Para isso, é preciso pensarmos e falarmos. Vocês ficam responsabilizados, que já estão, por manter o que há e crescer todos os dias, porque há espaço para isso. E aquilo que as pessoas dizem de mim também já começam a dizer de vós, não é verdade? O que eu desejo é que daqui a 50 anos, quando vocês já tiverem a minha idade, digam o mesmo que eu estou a dizer aqui nesta conversa aos nossos pequerruchos. Porque há família para isso.

Tenho 39 anos. Em que fase estavas tu aos 39? Com os meus 39 anos, era uma pessoa realizada, ia a todas. Já tinha uma realidade em cima de mim, um caminho percorrido que me dava muita segurança, mas estava sonhando com mais futuro. E tu, com os teus 39 anos, também podes pensar sobre ti assim. É isto que posso dizer-te nesta entrevista aberta e franca.

Obrigada. Acho que podemos continuar depois a conversa, e vamos continuar certamente. Obrigada.

**“ACONSELHO TODA A
GENTE A NUNCA ESQUECER
A SUA ORIGEM. FALO DELA
COM MUITA SATISFAÇÃO,
OU, PELO MENOS, COM
MUITO RESPEITO. PENSEI
SEMPRE, ISSO SIM, EM TER
UMA VIDA DIFERENTE, TANTO
EU COMO AS PESSOAS QUE
PUDESSEM DEPENDER DE MIM.
PENSEI SEMPRE NO PLURAL.
A MINHA RIQUEZA, AQUELA
POR QUE LUTO, É A QUE
DÁ ESTABILIDADE.”**

COMO OURO SOBRE CAFÉ

ESTAVA a Delta a dar os primeiros passos, ainda nos anos 60, quando surgiram os primeiros grãos de café em ouro. O objetivo era puramente comercial, mas extremamente requintado para a época: a cada cliente que assinasse contrato com uma encomenda igual ou superior a 100 quilos de café, era oferecido este objeto simbólico. “Havia no mercado outras marcas estabelecidas, que não nos davam espaço”, recorda Rui Nabeiro, que viu neste gesto uma forma de conquistar clientes e, claro, fazer amigos.

Os pequenos grãos foram ganhando pormenores: uma almofadinha, uma caixa, um alfinete para o prender e enrolar com flores apanhadas em Campo Maior. A certo ponto, a encomenda tinha até de ser mais avultada para o cliente receber o presente, que tanto podia ser o grão de café como uma Nossa Senhora em miniatura, também em ouro. O grão às vezes “já cansava” os clientes habituais, recorda o Comendador, e a variação religiosa parecia agradar “às senhoras”. Como o negócio ia de vento em popa, mais tarde aumentou os objetivos: só quem fizesse uma encomenda igual ou superior a 200 quilos de café era agraciado com a oferta.

Décadas depois, os grãos já não são oferecidos como brinde de encomendas, mas mantêm-se em circulação. “O nosso grãozinho de ouro histórico existe ainda em nossa casa e nos nossos escritórios”, explica Rui Nabeiro. “Oferecemo-lo quando recebemos visitas, como agradecimento pela forma como as pessoas nos tratam.”



**“SE TODOS
QUISÉSSEMOS,
O MUNDO ERA
MARAVILHOSO.
O MUNDO ERA
EXTRAORDINÁRIO.”**



NA XXVI GALA DOS GLOBOS DE OURO (SIC),
QUE O DISTINGUIU COM O PRÊMIO MÉRITO
E EXCELÊNCIA, A 2 DE OUTUBRO DE 2022.